



**FON  
FON**



Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1952  
A revista feita para o lar  
Cr\$ 4,00 em todo o Brasil

Segunda feira

CULINARIA  
DE  
BOM GOSTO

Terça feira

ASSOCIAÇÃO  
DAS  
DONAS DE  
CASA

Quarta feira

ARTE  
DE SER BELA

Quinta feira

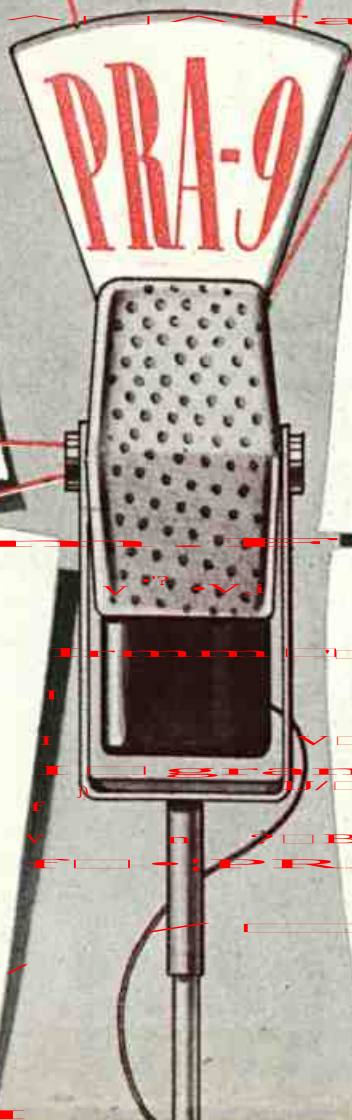
ASSOCIAÇÃO  
DAS  
DONAS DE  
CASA

Sexta feira

MODAS  
DE  
FON-FON

Sabado

CAMPANHA DA  
BOA VONTADE



FON-FON

apresenta todos os dias  
das 14 às 14.30, um pro-  
grama feminino para as  
suas leitoras de todo o  
Brasil. Ouçam na sua  
"PRA 9". Radio Mayrink  
Veiga, naquele horário.  
os programas organizados  
por FON-FON especial-  
mente para a mulher  
brasileira. "FON-FON"  
a revista feita para o lar.



# A Poesia Das Estrelas E A Ciência

"Paz de nossa casita,  
reito de alegres platos en la mesa.  
Abajo, todo lámparas,  
arriba, todo estrellas."



**P**OESIA? Doce e lírica poesia que nos faz pensar num céu azul, muito azul, crivado de estrelas rutilantes e douradas. Um céu lindo que, dêsse modo, é um motivo de beleza, um motivo de arte e de estesia. Mas ao mesmo tempo ele nos convida a refletir no que diz a ciência. Uma coisa realmente é ver os astros esplendentes, uma noite polvilhada de estrelas com os olhos maravilhosos do poeta outra, muito diferente, é vê-la com os olhos da astronomia, isto é, com o olho penetrante, devassador, do poderoso telescópio.

Se, no primeiro caso, a impressão que se recebe de uma noite de verão, cravejada de brilhantes estelares, é de pura poesia, a que a lumeta da ciência nos transmite é de decepção e prosaísmo. Basta notar que, uma vez dentro de um observatório, o leigo está esperando que as estrelas lhe apagam, através dos complicados instrumentos, como estranhas maravilhas.

No entanto, constitui na verdade uma surpresa chocante ver que cada astro não é mais do que um ponto luminoso, perdido nas distâncias do Infinito.

Há uma explicação para esse fato curioso: tão longe de nós estão as estrelas que, mesmo a despeito da excelência do telescópio, elas apenas se tornam mais apreciáveis. E isso acontece até com as estrelas que estão mais próximas da Terra — como é o caso da "alfa" da constelação do Centauro.

\* \* \*

É sabido que uma estrela isolada, observada com o auxílio do telescópio, oferece um reduzido interesse. Há, porém, milhares delas que se nos apresentam fisicamente soberbas, maravilhosas. São as que nos parecem duplas, triplíceis, múltiplas, finalmente.

Há, na verdade, muitas estrelas duplas, extraordinariamente formosas. Vistas por intermédio de um telescópio pequeno, de poder limitado, parecem um belo par de corpos celestes de cores diferentes: azul, cor-de-ouro, roxo, verde, rosa, etc.

Entre elas, figura, por exemplo, a conhecida "dupla estrela dupla" — ou seja, o "epsilon" da constelação da Lira, o qual, observado com um binóculo, se apresenta aos nossos olhos, dividido em duas estrelas. Essas mesmas estrelas fixadas através de um telescópio de alcance médio, nos oferecem um espetáculo de mágica, ou melhor, de puro ilusionismo: cada uma delas se desdobra em duas estrelas, ficando o belo conjunto quadruplicado. A olho nu, esses mesmos astros nos aparecem como simples unidade. E o que é o fato justo, real, visto como a "dupla estrela dupla" não é mais que uma simples ilusão de ótica, um truque admirável do cristal do telescópio.

\* \* \*

O número de estrelas visíveis aumenta naturalmente, de maneira surpreendente, desde que se use, para isso, um telescópio. A aquilo se chama "acumulação" de estrelas magníficas, soberbas, como é a "Praesepes" na constelação do Câncer, a acumulação existente na espada de "Perseu", onde, por sua vez, se observam dois grandes grupos de estrelas: as Pleíades de Taurus, nas quais o óculo de alcance descobre maravilhas invisíveis a olho nu.

Ao lado desse encanto do céu, figuram outros que são dignos de nota — muito embora

sejam conhecidos de todos, pelas lições de astronomia, ministradas nas universidades. Trata-se dos cúmulos esferóides. Eles existem no azul do firmamento em grande número. Mais de cem, por exemplo.

Cada um deles representa um mundo vasto de sóis. Distam mil anos-luz, uns dos outros, e além da formosa Via-Látea.

Nestes cúmulos, cada ponto luminoso é um sol que supera em brilho e grandeza o grande Sol do nosso sistema planetário.

Há, de fato, muita beleza em tudo isso. E o efeito desse espetáculo ainda é mais extraordinário, quando se admite que, naqueles corpos celestes, aonde só pode chegar a nossa imaginação — e isso mesmo de um modo muito imperfeito — é bem possível que exista uma vida organizada, análoga à vida do homem, neste nosso planeta.

Nossa razão, nesse ponto, se tortura: existirá uma vida consciente naqueles mundos longínquos? Ou será que só existem luz e fogo?

Mistério! Tudo é mistério. E tudo continuará a ser impenetrável ao nosso escasso conhecimento. Por isso mesmo que é preferível ficarmos com os poetas, que se limitam à sua doce poesia:

"Abajo,  
arriba, todo lámparas,  
arriba, todo estrellas."

E só.

BASTOS PORTELA







# O CARNAVAL EM OUTRAS TERRAS



COMO o Carnaval se aproxima, vamos passar os olhos nas fotografias tomadas no Bal Fantastique, realizado pelos estudantes do Chouinard Art Institute de Los Angeles, recentemente.

Os convites para esse já famoso baile, dizem assim: "Venha com qualquer roupa, ou mesmo sem nenhuma..."

As fotografias indicam que todos seguiram as instruções... O objetivo do baile é arrecadar fundos que ajudem a instituição, isto é, em benefício dos estudantes. Além disso, é pretexto para se divertirem também. Vamos ver com atenção as fantasias. Talvez alguma delas nos forneça idéias para adaptações no nosso Carnaval. Mas, cuidado...



Esses pares foram eliminados e colocaram-se, sentadinhos a um canto.

O pobre do "dachshund" só quer saber de achar uma ponta de salada. Os concorrentes encaminham-se para o juízo. Luxuosas fantasias de Cam-bodjianos.

"Adão" com folhas de figueira douradas, e uma "Josephine Baker" barbada (o homem) fizeram sucesso.

Outro "cavaleiro" descamisado num momento de "vampismo" junto à sua bela bridade.



A amiguinha dessa "Teia de aranha" não consegue chegar perto o bastante para dar os parabéns pelo primeiro prêmio alcançado. De fato observam: a fantasia é interessante, mas incômoda.



Uma bela dançarina e um amável "cavaleiro".







— ... na multidão de moças e rapazes desdenhosos que nem sequer a olhavam, enquanto Iris e Miriam se entregavam estupendamente ao próprio sucesso.

#### CAPÍTULO IV

A brusca surpresa sacudiu salutarmente Clara, e quase que ela rompeu em nervosa risada. Um namorado, não um ladrão!... Um namorado, que talvez tivesse encontrado fechado o portão e que, com quatro saltos, alcançara a varanda. A subida não era difícil, puxava-se um pé aqui, outro lá, era um primeiro andar tão baixo! Entretanto, pensamentos incertos turbilhonavam-lhe no cérebro, fazendo-a sentir-se quase tonta: — Iris já tem um caso amoroso!... Iris, com dezenove anos!... Recebe um homem no seu quarto, de noite!...

O homem, lá fora, parecia impacientarse, porque repetiu com acento mais vibrante: — Iris! — porém sem nenhuma sombra de receio ou de inquietação. — Iris! — e parecia querer dizer: — Estou esperando, por que não abres?

Com gesto quase irrefletido Clara deu alguns passos e aproximou-se da varanda e, após um momento de incerteza, tocou o trinco e abriu.

— Oh, desculpe!... — disse o rapaz que estava ali fora, fazendo um gesto de recuo, e tirando o chapéu, como se apenas tivesse errado o endereço.

— Está procurando a minha irmã Iris... Este é, de fato, o quarto dela, mas ela não está...

— Ah, não está?

— Sim.

Que rosto queimado, pensava Clara, e olhava-o atentamente, parecendo-lhe que o reconhecia: um daqueles tipos que frequentam o ringue de patinação e o campo de tênis; quantas vezes vira-o, sem prestar-lhe atenção, quando acompanhava Iris e Miriam no lugar do madrinista, assistindo apenas, pois não sabia nem patinar nem jogar tênis... Um daqueles rapazes interessantes, elegantemente vestidos de branco, que levam as moças em casa e agitam com languidez a raquete, falando de esporte... E ali estava um deles, subindo como um acrobata a uma varanda, ao luar, à porta de um quarto de moça de boa família... Um cínico ou um romântico?... Um sedutor ou um ingênuo?

— Iris saiu...

— Ah, então...

Clara estendeu vivamente o braço.

— Espero que não se vá da mesma maneira por que veio, como se fosse a coisa mais natural do mundo! — disse severamente. — Será melhor



que saia pela porta da casa. Meu pai poderia estar de volta e...

Esta espécie de ameaça não parava perturbá-lo.

Multíssimo obrigado, senhonita — disse, com desenvoltura.

Seguiu-a ligeiro e fátuo, atravessando o quarto sem olhar em volta, como se não tivesse nenhuma curiosidade. Tirara o sobretudo e levava-o no braço. Chegando ao vestíbulo, colocou-o cuidadosamente, com o chapéu por cima; era claro que não pretendia ir embora logo; talvez se achasse na obrigação de dar explicações... Clara ficou desconcertada. Deveria fazer o papel da mãe nobre?...

— Tinha a bondade de sentar-se.

O rapaz não se fez de rogado, entrou na sala, sentou-se, tirou do bolso o maço de cigarros.

— Da licença?...

E por que não? Já que se sentara com tanta calma no ângulo do sofá, como quem não está com nenhuma pressa, tanto fazia deixá-lo fumar, como se fosse uma visita habitual, habituado a sentar-se junto ao rádio e a servir-se com liberdade dos cigarros. Havia, justamente, ali, uma caixa cheia, aberta. Ela recusou com um gesto o oferecimento do jovem:

— Eu não, obrigada, nunca pude adquirir esse hábito, sou do tempo em que seria escandaloso ver-se uma moça fumar.

— Não diga!... Com certeza é porque deseja conservar a brancura dos dentes.

— Obrigada pelo elogio, senhor...

— Santinelli, Piero Santinelli; pensei que já lhe tinha sido apresentado.

— É possível.

Não era verdade; nunca lhe fora apresentada, nunca lhe apresentavam ninguém. Mas lembrava-se de lá ter ouvido, naquele nome, muitas vezes, nas conversas de Iris e Miriam, entre risos e risinhos: — Santinelli disse... Santinelli diz que...

— Pareciam tê-lo em muita consideração, em matéria de roupas e de porte, ao mesmo tempo que caçavam dele, um pouco.

A senhora tomou-me pelo me-  
lho por um ladrão, — disse o jo-  
vem com perfeita calma, depondo a cinza do cigarro no cinzeiro.

— Compreenda... Lerei um sus-  
to.

Em vez de responder-lhe, olhava as suas pernas, todas descobertas, expostas à moda daquele ano, e ve-  
ladas apenas por finas meias claras.

Embaraçada, ela tentou puxar a saia para baixo, inútil-  
mente. Porque ela tornava a subir, obstinada, acima dos joelhos. Então cruzou os pés calçados em sapatinhos de couro negro decotadíssimos, graciosos como sapatinhos de batife, e pensava: — Se tiver a coragem de me elogiar também as pernas, ponho-o no lugar com quatro palavras.

Por quem me está tomando ele?

— Não é perguntou:

— Nunca fez esporte?...

— Não, por que?...

— Entrebo-o pelas suas pernas: delicadas e mara-  
vilhosas.

Diante de tanta ousadia, ela sentiu-se, sabe Deus por-  
que, sem força, teve vontade de rir e ao mesmo tempo  
sentiu como que a excitação de um brincado agradável  
que a fazia corar e lhe causava uma imoderada ansieda-  
de, uma inquietação que a constrangia, como uma em-  
barração.

— Não se preocupe comigo, pego-lhe — disse com  
serenidade que ela mesma taxou de artificial. — fale-  
mos de preferência na minha irmã Iris. Quer dizer-me  
por que achou lícito subir à varanda dela, a essas horas  
da noite? Meu pai poderia ter chegado; só Deus sabe o  
que então sucederia. O senhor poderia ter sido visto pelos  
vizinhos, pelos vizinhos, e minha irmã ficaria comprome-  
tida de modo irreparável. Poderia...

Interrompeu-se porque lhe parara que o jovem es-  
tava rindo. Porém não estava, e disse, ao contrário, com  
certa importância, pondo a mão no peito:

— Juro-lhe, senhonita, que é a primeira vez que isto  
aconteceu e que será a última. Trata-se apenas de uma  
moeda.

— De uma aposta...

— Ela disse que eu não seria capaz de realizar se-  
melhante feito e eu jurei que realizava. Ela disse que ia  
deixar a porta aberta e a luz acesa no quarto, e, de fato,  
encontrou a porta aberta e a luz acesa, mas me "deu o  
bólo", porque saiu de propósito. É uma menina terrível,  
Iris, gosta de pragar peças em todo mundo...

— Acha?... E que os Carli vieram...

— Ah! bom... Que diabinha, Iris, é uma canalhazinha,  
gosta de "circular" sempre que pode... Apesar disso, ela  
é um amor, é deliciosa.

Não parecia ter ciúme dos Carli, e também não pa-  
recia muito apaixonado... E então?...

— Uma coisa simples, como vê, embora um pouqui-  
nho absurda... Nada de extraordinário. Sabe Deus que  
foi que a senhora imaginou: escada de costia, Romão ao  
luar, sedução de amor, rapto, fuga romântica... Quali...  
Uma aposta entre dois bons companheiros de esporte, que  
estavam com vontade de brincar: nada mais.

— Nada mais...

Clara sentiu-se como que desiludido, sem saber expli-  
car a razão: quase mortificada, como se tivesse feito uma  
coisa ridícula. Pensou, não sem amargura: — Já estou en-  
tão assim tão velha que nem adivinto as intenções desta  
juventude moderna? Assustei-me e escandalizei-me por coi-  
sa nenhuma... Se é que este rapaz está dizendo a verdade...

Levantou o olhar desconfiado e correu, encontrando  
os olhos alegres do jovem. Quis  
bançar a desenvoltura, a sem prece-  
ditos:

— E eu que pensei que o senhor  
fosse um sedutor, um conquista-  
dor!...

O outro levantou-se.

— Admiro fervorosamente a gra-  
ça da srta. Iris, mas se quisesse  
meter-me numa conquista feminina  
não seria com ela que me aventura-  
ria, de certo!...

Clara pensava: — Parece um ator  
de cinema, vai embora no momen-  
to oportuno, após ter causado o seu  
efeito, e eu, por pouco que não dou  
a impressão de que me desagrada  
vel-o ir embora...

Ergueu-se com certo esforço,  
acompanhou-o no vestibulo, viu-o  
vestir o sobretudo e estremeceu ao  
ouvir o ruído de um automóvel que  
se aproximava.

— Deus meu, se forem elas!...

— E então?... Eu é que devia ter  
medo, não a senhora.

Verdadeiro herói cinematográfico!  
pensou, com um sorriso que queria ser irônico, e que foi  
logo interrompido por um calefrio quando o jovem San-  
tinelli lhe tomou a mão e beijou-a, com uma espécie de  
galanteria respeitosa, duas vezes, nas costas e na palma...

— A menos que, — disse ele com voz acariciadora, —  
não tenha compreendido, e tenha por isso remorso, que,  
se eu quisesse atirar-me à conquista de uma mulher, es-  
colheria uma mulher como a senhora... A senhora é uma  
mulher de verdade, não uma boneca, sabia?

— Não diga tolices, — queria Clara impôr, severa-  
mente, mas o outro já estava lá fora, e atravessava de-  
pressa o jardimzinho sumindo na escuridão, como se fu-  
gisse à luz dos faróis que silenciosamente inundavam a  
rua, junto ao portão: eram elas mesmo, de volta do pas-  
seio, e já deviam ter deixado os Carli em casa, como  
sempre: voltavam mudas e cansadas, com o rosto impas-  
sível, e passariam ao seu lado cumprimentando-a apenas,  
como a uma estranha, no máximo como a uma arru-  
madeira.

Uma brusca necessidade de expansão fê-la falar.

— Iris, o Santinelli veio cá... Sabes como? trepou pela  
grade da varanda, imagina...

Iris parou repentinamente, e o seu rostinho, que ti-  
nha um pouco de impassibilidade japonesa — olhos lon-  
gos e escuros, faces pálidas, de magis um tanto salientes,  
pequena boca carnuda, muito pintada — iluminou-se de  
um riso mau, e os olhos duros brilharam entre os cílios  
rigidos.

— Miriam, estás ouvindo? Santinelli veio mesmo!

— Quem? — perguntou a mãe subindo a escada, sem  
voltar o rosto afundado na — (Continua na página 14)

O Segundo

AMOR  
Romance de  
CAROLA  
PROSPERI

Tradução de LAZARUS LUIS CARLOS DE CALDAS BRITO

FON-FON — 16-2-1952



# Grande Rosto de Pedra

(Conto de NATHANIEL HAWTORNE)

(Tradução de LASINHA)

**U**MA tarde, ao pôr do sol, a mãe e seu filhinho estavam sentados à porta da sua choupana, conversando sobre o Grande Rosto de Pedra. Bastava-lhes erguer os olhos e lá estava ele, embora a milhas e milhas de distância, com o sol a iluminar-lhe os traços.

E que era o Grande rosto de Pedra?

Protegido por enorme cadeia de altivas montanhas, havia um vale tão espacoso que continha muitos milhares de habitantes. Parte desse bom povo habitava em choças de pau a pique, tendo a negra floresta em volta, nos escarpados e difíceis flancos da montanha. Outra parte morava em confortáveis fazendas, e cultivavam o rico solo nas gentis colinas ou em pleno vale. Outros estavam congregados em populosas aldeias, onde os selvagens arroudos das altas serranias, despenhando-se das suas nascentes na região mais elevada das montanhas, tinham sido capturados e dominados pela habilidade humana e compelidos a fazer girar a maquinaria das fábricas de algodão. Os habitantes desse vale eram numerosos e viviam de diferentes maneiras. Mas todos eles, adultos e crianças, tinham certa familiaridade com o Grande Rosto de Pedra, embora alguns deles possuissem o dom de distinguir esse fenômeno natural mais perfeitamente do que muitos dos seus vizinhos.

O Grande Rosto de Pedra era uma obra da Natureza, feita num momento de majestosa disposição, formada no lado perpendicular da montanha por algumas rochas imensas, postas juntas em tal posição que, quando vistas à distância apropriada, apresentavam o aspecto exato de feições humanas. Dir-se-ia que enorme gigante, ou Titan, esculpira o seu próprio retrato no precipício. O largo arco da testa media uns cem pés; o nariz longo, e os vastos lábios que, se falassem, fariam retumbar a sua voz do princípio ao fim do vale. Verdade é que, se o espectador se aproximasse muito, perderia o contorno gigantesco, e só discerniria um montão de graxas e gigantescas rochas amontoadas em caótica ruína, uma sobre a outra. Mas, afastando-se, os espantosos traços seriam de novo percebidos; e quanto mais se distanciasse, mais lhe apareceriam eles como um rosto humano, conservando intacta toda a sua original divindade; até que, visto a longa distância, com as nuvens e os glorificadores vapores das montanhas a reunir-se-lhe em torno, o Grande Rosto de Pedra parecia de fato vivo.

Era vantajosa a vizinhança daquela impressionante visão para as crianças que habitavam o vale, pois os traços eram nobres e a expressão a um tempo grandiosa e doce, como se fosse o calor de um vasto e cáldio coração, abraçando a humanidade inteira na sua afetuosi-dade. Contemplá-lo valia por uma educação. Conforme acreditava o povo, o vale muito devia de sua fertilidade a essa benigna visão que parecia guardá-lo, iluminando as nuvens e derramando a sua ternura à luz do sol.

Conforme iam dizendo, a mãe e seu filhinho estavam sentados à porta de casa, olhando para o Grande Rosto de Pedra e conversando a seu respeito. O menino chamava-se Ernesto.

— Memae, — disse ele, enquanto o rosto Titânico lhe sorria — gostaria que ele pudesse falar, porque acho que se ele falasse a sua voz seria muito agradável. Se eu encontrasse um homem com um rosto assim, amá-lo-ia ternamente.

— Se se realizar uma antiga profecia, poderemos encontrar um homem assim, algum dia, com um rosto exatamente como o dele.

— Que profecia é essa, mãe? Por favor, conte-me isso!

E a mãe contou-lhe uma história que lhe tinha sido contada, por sua vez, pela mãe dela, quando era menor-zinha que Ernesto; história não de coisas já passadas, mas de coisas que ainda iriam acontecer; história tão antiga que os índios, que antigamente habitavam o vale, a ouviam de seus antepassados, e que tinha sido murmurada a estes pelos regatos da montanha e contada em segredo pelo vento entre a ramagem das árvores. O significado era que, em dia futuro, uma criança nasceria naquelas redondezas, destinada a tornar-se a personagem maior e mais nobre de seu tempo, e cujos traços fisionômicos seriam exatamente iguais aos do Grande Rosto de Pedra. O grande homem da profecia ainda não tinha aparecido.

— Oh, mãe! oh! mãe! gritou Ernesto, espero que eu viva para vê-lo!

Sua mãe, mulher afetuosa e contemplativa, não quis desenganá-lo. Murmurou apenas: Quem sabe?

E Ernesto nunca esqueceu a história que lhe fora contada pela mãe. Passou a infância na choupana de pai onde nascera, cumprindo o dever para com sua mãe ajudando-a em muitas coisas, tanto com as mãos quanto com o coração amado. Assim, cresceu e tornou-se um rapaz suave, tranquilo, que não incomodava ninguém, queimado do sol no labor dos campos, porém com mais inteligência a iluminar-lhe o físico do que muitos rapazes que aprendiam em escolas famosas. No entanto, Ernesto não tivera professores, exceto o Grande Rosto de Pedra, que lhe ensinava muitas coisas. Terminado o trabalho do dia, levantava para ele os olhos e ficava a contemplá-lo durante horas, até que lhe parecia que aqueles emorrançados traços o reconheciam e lhe enviavam um sorriso de amizade e encorajamento, em resposta à sua veneração.

Nessa época, correu o vale o rumor de que o grande homem, predito pela profecia, apresentando aparência notável com o Grande Rosto de Pedra, aparecera afinal. Muitos anos antes, um rapaz emigrara do vale e fora habitar num ponto distante, onde, após ter ganho algum dinheiro, se tornara dono de uma loja. Apelidaram-no o Guarda-Moeda. Sendo esperto e ativo, e possuindo aquela dom da Providência, aquela facilidade que se desenhava no que o povo chama sorte, tornou-se um negociante excessivamente rico, e possuidor de uma inteira frota de boijutos navios. Pode-se dizer dele, como do rei Midas, que tudo o que tocasse se transformava logo em ouro. E quando ele se tornou tão rico que seria preciso cem anos para contar suas riquezas, recordou-se do seu vale nativo, e resolveu voltar para lá, para terminar os dias onde se começara. Enviou um hábil arquiteto para construir um palácio digno de um homem com a sua vasta fortuna.

Conforme disse, correu o rumor de que o sr. Guarda-Moeda era a profética personagem havia tanto esperado, e que o seu rosto apresentava semelhança perfeita e indistigável com o Grande Rosto de Pedra. O povo ficou muito convencido ainda disso, quando viu o esplêndido edifício construído, como que por encanto, no local da antiga fazenda, de terra batida, de seu pai. A parte externa era de mármore, tão ofuscantemente branca que parecia que a sua estrutura ia derreter-se ao sol. Tinha um portão ricamente ornamentado, sustentado por altas colunas sob as quais estava a porta senhorial, guardada de maciças portas de prata, e feita de uma espécie de madeira variada que fora trazida além dos mares. Dizia-se que as vitrais das portas eram de tão fino cristal que pareciam mais transparentes que a própria atmosfera. Quase ninguém conseguia ver o interior desse palácio; mas constava que, por dentro mais rico que por fora, e que o que era feito de cobre ou ferro nas outras casas, ali era em ouro de prata; e o quarto do sr. Guarda-Moeda era tão cheio de bribo, que um homem comum ali não conseguiria fechar os olhos.

Enquanto isso, nosso amigo Ernesto, ansioso por ver o sr. Guarda-Moeda, sabia haver mil modos pelos quais o rico poderia transformar-se em verdadeiro anjo beneficência, assumindo a direção dos negócios públicos. Cheio de fé e esperança, não duvidava de que fosse verdade o que o povo dizia, e que ia enfim contemplar a semelhança humana dos gigantescos traços da montanha. Quando, afinal, uma carruagem, puxada por quatro cavalos, surgiu na curva da estrada, e apareceu a fisionomia do velho, tão enrugada de pele tão amarela que dir-se-ia tocada pelas suas mãos de rei Midas, o povo gritou: — É a reprodução exata do Grande Rosto de Pedra! E fez era verdadeira!

À margem da estrada, aconteceu que estava uma velha mendiga com duas criancinhas, forasteiras de alguma distante região, que, ao passar a carruagem, estenderam as mãos e elevaram a voz dorida, suplicando uma esmola. Uma garça amarela — a mesma que arrebanhara tantas riquezas — atirou pela janela do carro algumas moedas de cobre ao chão; no entanto, o povo não se cansava de gritar: — É a reprodução exata do Grande Rosto de Pedra!

Mas Ernesto virou tristemente a cabeça à vista daquele rosto sórdido, e lançou o olhar para cima do vale onde, entre o nevoeiro, dourado pelos últimos raios do sol, pôde distinguir os gloriosos traços que tanto lhe haviam impressionado o espírito. O aspecto do Grande Rosto de Pedra reanimou-o. Que pareciam dizer-lhe esses benignos lábios? — Ele virá! Não tenha receio, Ernesto; o homem virá!

Passaram-se os anos, e Ernesto deixou de ser o rapazinho. Era agora um homem feito. Não chamava a atenção dos outros habitantes do vale, pois nada de



tável viam na sua maneira de viver, exceto que, quando terminava o trabalho do dia, se apartava e ia contemplar e meditar em face do Grande Rosto de Pedra. Ninguém lhe queria mal por isso, pois Ernesto era trabalhador, hábil, bom, amável e cumpridor de seus deveres. Não sabiam que o Grande Rosto de Pedra se tornara um mestre para ele, e que o sentimento que aquele rosto exprimia lhe alargava o coração, enchendo-o de simpatias mais amplas e mais fundas do que as dos outros corações. O próprio Ernesto não sabia que os pensamentos e afeições que lhe vinham tão naturalmente eram mais elevadas que as dos outros homens com quem convivía. Alma simples — como quando sua mãe lhe contara a velha profecia — espantava-se ainda de que o rosto semelhante ao do Grande Rosto de Pedra tardasse tanto a aparecer na terra.

Nesse tempo, o pobre sr. Guarda-Morda já estava morto e enterrado; e o mais engraçado é que a sua fortuna, que fora o corpo e o espírito de sua existência, desapareceu antes de sua morte, deixando dele não senão um esqueleto vivo, coberto por uma pele toda enrugada e amarela. Depois que a sua riqueza se esvaíra, já ninguém mais o achava parecido com o Grande Rosto de Pedra. Deixaram de cercá-lo de honrarias no fim de sua vida, e esqueceram-no após a morte. O grande palácio foi transformado em hotel, pois grande era o número de estrangeiros, verdadeiras multidões, que vinham, no verão, visitar a famosa curiosidade do local, o Grande Rosto de Pedra.

Aconteceu que um rapaz nascido no vale, havia, anos antes, se alistado como soldado, e, após inúmeras batalhas, se tornara ilustre comandante. Ficou conhecido pelo nome de Sangue-e-Trovão. Encontrando-se agora enfermo, com a idade e os ferimentos, e cansado do turbilhão da vida militar, desejou retornar ao seu vale, para ver se encontrava o repouso onde o deixara. Os habitantes, seus antigos vizinhos, resolveram recepcioná-lo com tiros de canhão e um banquete público; tanto mais quanto se afirmava ser o seu rosto idêntico reprodução do Grande Rosto de Pedra. Afirmava-se que desde menino fora grande a parelha, não tendo sido apenas descoberta antes, Grande foi a excitação por todo o vale. No dia da chegada, Ernesto, com todo o resto da população, deixou Grande foi a excitação por todo o vale. No dia da chegada, Ernesto e dirigiu-se ao local onde estava preparado o colossal banquete. As mesas estavam arrumadas de modo a se ver de frente o Grande Rosto de Pedra. Nosso amigo

Ernesto ficou nas pontas dos pés para poder ver o herói, sentado sob arcos de verdejantes lauréis, que lhe celebravam as esplêndidas vitórias. Mas havia tanta gente em torno à mesa, ansiosa para ouvir os discursos e os brindes, e uma guarda de voluntários emparrava à baioneta os curiosos. Ernesto, que não gostava de brigas, foi meparado para o fundo, de onde não podia ver o velho Sangue-e-Trovão. Para consolar-se, virou-se para o Grande Rosto de Pedra, que, como fiel e sempre lembrado amigo, lhe sorriu sobre o paratama da floresta. Enquanto isso, ouvia as observações de vários indivíduos, que comparavam os traços do herói com a face distante na montanha.

— É exatamente igual! — Maravilhosamente parecido! — Dir-se-ia que é o próprio Sangue-e-Trovão visto num espelho monstruoso!

E começaram os gritos de entusiasmo, ecoando por entre as montanhas, tão fortemente que até parecia que o Grande Rosto de Pedra juntara a sua voz tonitrante à da multidão. Esse vasto tumulto entusiástico aumentou o interesse do nosso amigo; nem tinha mais dúvidas de que, de fato, o Grande Rosto encontrara o seu semelhante. Na verdade, Ernesto imaginara que essa personagem tão esperada seria um homem de paz, de superior sabedoria, fazedor do bem e empenhado em tornar o povo feliz. Porém, na sua habitual tolerância, com toda simplicidade contentou-se em achar que a Providência escolhe seus próprios meios de abençoar a humanidade.

— O General! o General! gritava-se agora. Silêncio! O velho Sangue-e-Trovão vai fazer um discurso!

E Ernesto viu-o. Mas haveria mesmo a tão decantada parelha? Ai, Ernesto não conseguia encontrá-la! Viu à distância uma fisionomia guerreira e marcial, cheia de energia, com a expressão de uma vontade de ferro; mas a amável sabedoria, a funda, terna e ampla simpatia, também faltavam no rosto de Sangue-e-Trovão.

— Esse não é o homem da profecia, suspirou Ernesto, que foi saindo dentre a multidão.

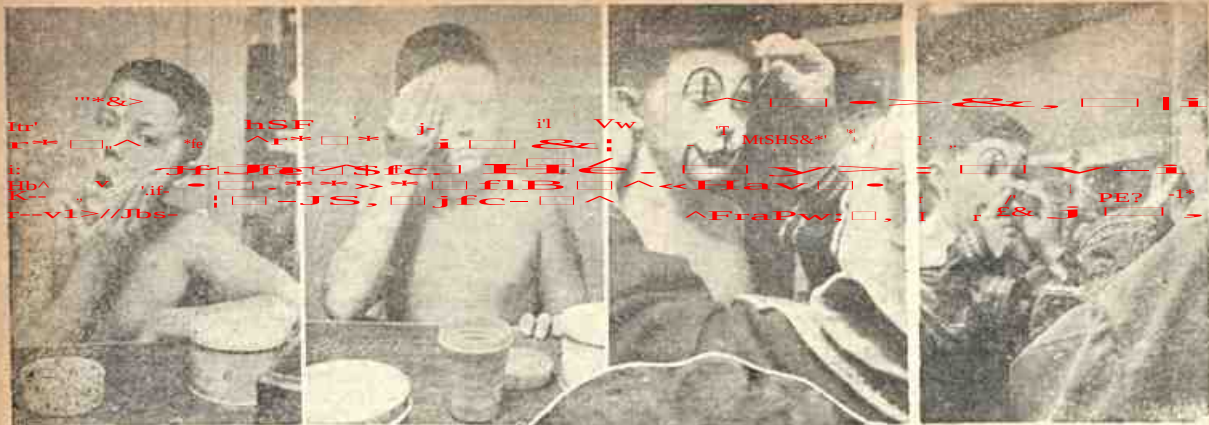
As brumas se tinham congregado na montanha distante, e lá estavam os tremendos traços do Grande Rosto de Pedra, terríveis porém benevolentes, e pareciam a Ernesto que um sorriso brilhava naquele rosto, sorriso feito de radiante e não de mover de lábios. Era, provavelmente, o efeito do pôr do sol, derretendo-se entre os difusos vapores que estavam entre ele e o objeto fixado.

(Continua nas páginas 22-23)

Mas havia tanta gente em torno à mesa, ansiosa para ouvir os discursos e os brindes... — O General! O General! gritava-se agora. Silêncio! O velho Sangue-e-Trovão vai falar!...







# COMO FAZER UM PALHAÇO

**T**ODOS nós, sem dúvida, temos imaginação, mas nem sempre ela nos chega no momento preciso em que dela necessitamos. Suponhamos, por exemplo, que estamos com o nosso filhinho de sete anos diante de nós esperando que façamos o "milagre" de transformá-lo a fim de comparecer ao baile infantil onde irão, também, todos os seus amiguinhos. Matutamos... metemos o dedo na testa... assobiamos baixinho para ver se assim atraímos algo... Mas, nada. Não aparece uma idéia...

Pois bem, às leitoras que se encontrarem nessa situação em particular e a todas as outras em geral, é que oferecemos essa interessantíssima série de fotografias na qual se vê como é fácil, com a ajuda de creme, pé-de-arroz, rouge, carmim e outros pequenos acessórios, que em casa mesmo se arranjam, compor um lindo palhacinho de circo, cujo sucesso, por certo, satisfará o garoto e, logicamente, a orgulhosa mamãezinha.





# ANTISARDINA

DETEM A  
MARCHA DO  
TEMPO!...

Antisardina  
nº 1

Antisardina  
no 2

Antisardina  
Nº 3

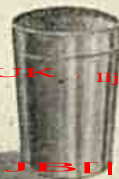
Afirma a Exma. Senhora Dna. Ambricia Brandão Marques  
da alta sociedade paulista:

"Como paranaense que é emi, origina-me, com a vossa indústria, que habeo  
 Como paranaense que é emi, origina-me, com a vossa indústria, que habeo  
 tem por berço o Paraná, e não posso fugir do desejo de tomar parte o  
 vosso trabalho, que venho obtendo com o uso de ANTISARDINIA.

Na mala de viagem sempre uso diariamente esse extraordinário creme que tem as propriedades de não só corrigir as imperfeições da pele, como também de prolongar a juventude de nossa cutícula, como bem patenteia a fotografia que junto a esta vos envio e ofereço para fazer dela o uso que vos convier.

Querem que as minhas patricinhas de todos os recantos do Brasil, saibam  
que com ANÍS SARDINHA conseguiu vencer a marcha do tempo prolongando  
a minha existência." □ □ □ □ □ Brandaão Marques.

Admrs. Brandão Marques.  
São Paulo, 14-10-51







Tempo de namoro — Só coloquios e promessas de amor. As cartas não aparecem. O caszinho nem se lembra que elas existem.



1.º tempo do matrimônio — Surge o baralho, mas ainda como figura secundária. Não tem o menor prestígio, o menor valor.

Direção e texto: — ROBERTO LOBO

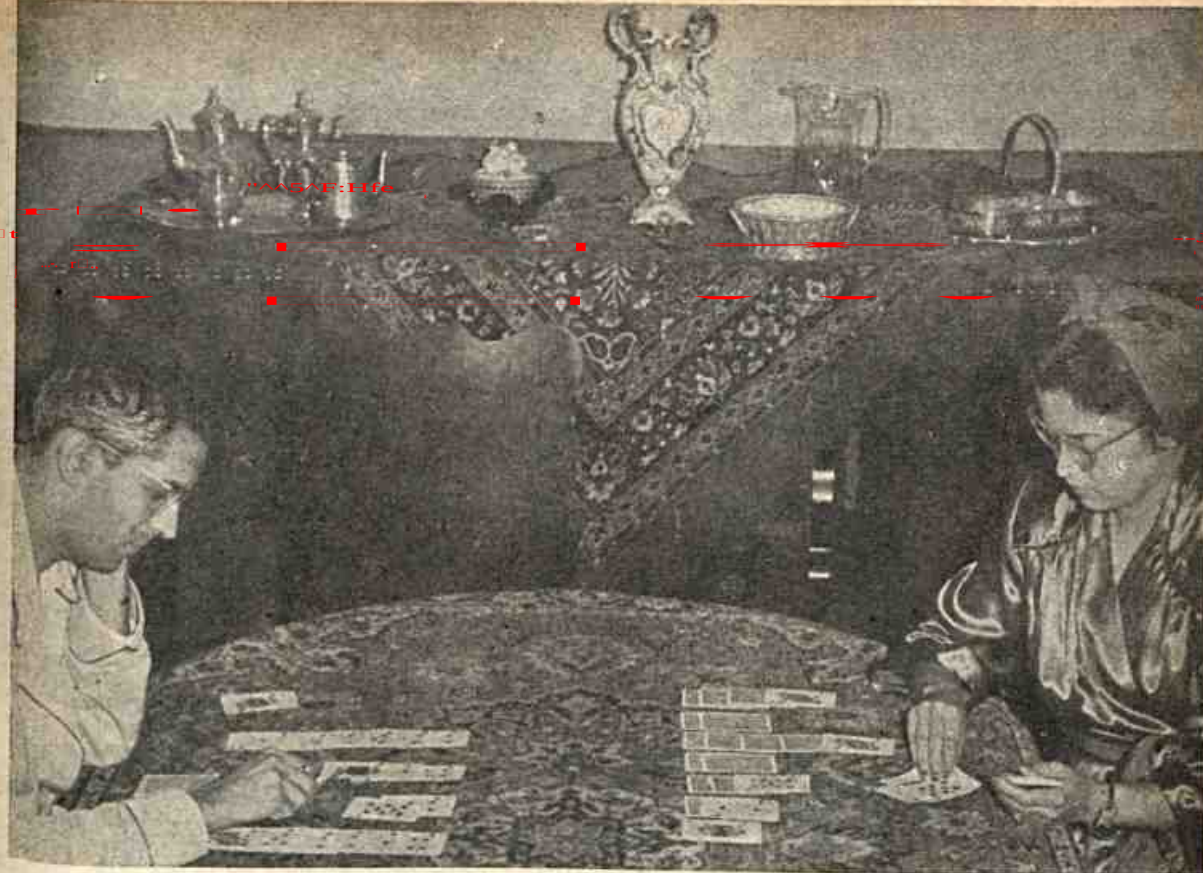
Fotografias: — MOZART

Principais intérpretes: — GISELLE e GIL BRANDAO

2.º tempo de matrimônio — Já estão jogando; porém, aí, nos breves intervalos de conversa amorosa, o gosto de jogar é perdido.

# O AMOR e AS CARTAS

3.º tempo de matrimônio — Bom, agora o jogo é sério. Toda a atenção para a vitória.



5.º tempo do matrimônio — Com parceiros ou sem parceiros, a dupla não se entende no jogo. Briga muito. Vamos fazer paciência.

OS RECIEM-CASADOS GOSTAM DE INVENTAR COISAS QUE OS DISTRAIAM ENTRE BEIJOS E ABRACOS. UNS DÃO CAFUNE, OUTROS TIRAM CRAVOS E AINDA HA OS QUE JOGAM CARTAS — SÃO PASSATEMPOS QUE SE TRANSFORMAM EM HABITOS E MUITAS VEZES EM MANIAS — HOJE APRESENTAMOS A HISTORIA DE UM CASAMENTO EM QUE O BARALHO SE DESTACOU

4.º tempo do matrimônio — Só os dois, não tem graça. Chamaram parceiros. O de cada um corre perigo. O perigo de cada um corre perigo. O perigo de cada um corre perigo. O perigo de cada um corre perigo.





# Costumes para a praia

**E**STE ano, sobre a areia quente das praias ensolaradas, instalar-se-á o reino dos tecidos de algodão. O próprio cetim, que já teve tanta voga, vai ceder muitas vezes o seu lugar a essas fazendas coloridas, com motivos graúdos e vistosos, frequentemente emprestados da flora tropical.

Já não se sabe mais se o tecido influenciou a forma, ou se a forma derivará do tecido. Mas já não se pode duvidar que as criações que vierem de Paris serão inspiradas nas roupas e costumes que revestem os corpos bronzeados das belas de Madagascar, do Sudão, e do Arquipélago das Novas Hebridas.

Os conjuntos para praia compõem-se de várias peças, tendo sempre por base o maiô de banho, com o qual, aliás, nem sempre se mergulha, acompanhado de uma saia, um vestido, ou um paletó...

O croquis nos. 1 e 2 por exemplo, é de três peças: saia franzida de revés sobre um fio elástico, soutien formando corpete muito original e calções. A saia enrolada tem uma única penna. Conjunto em algodão cor-de-terra, com estampa negra.



O segundo modelo presta-se a transformações. A combinação-short, sem alças, é mantida de casaca, na orla do decote, nas quais se insere os botões de uma espécie de pele que quadrada, que cobre os ombros e a parte superior dos braços. A saia, avulsa, aberta na frente, é franzida e se abre num amplo babado, igualmente franzido. (croquis nos. 3 e 4).

Os calções do croquis n. 5 têm como material popeline de algodão lisa. A pala e a orla das botas são em tecido estampado com flores de cores variadas. É cortada muito amplamente e estreita-se na cintura e nas coxas, quer por meio de fileiras de franzidos elásticos, quer por pequenas partes de algodão tricotado, no tom dominante do estampado.

Outra fórmula para recobrir o maiô duas peças, em cetim lasez azul-maninho é o conjunto composto de calças que se estreitam sob os joelhos num pequeno franzido e de um bolero sem mangas, que fecha por meio de um nó no meio do busto (croquis n. 6). Pode ser realizado em crepon ou rayon cor-de-lilho, com estampado marinho ou marrom.

O último conjunto sofreu, evidentemente, influência asiática, denotando na grande chapéu tonquineses que protege a cabeça dos raios do sol. O maiô-combinação tem barbatanas que suprimem as alças. A calça é recoberta por um discreto saia e as duas costuras que se alongam sobre o talhe, dão a forma desejada. O mesmo algodão estampado em que foi confeccionado serve para forrar a paletó curto, em forma de pagode, em fustão marinho ou havana. Os bolsos, aplicativos, são ornados por bordados em rafia e alifavos de rafia multicolor debruam toda a orla do casaco. (croquis números 7 e 8).

## O SEGUNDO AMOR = (Continuação)

gola da capa de peles, como se ainda precisasse defender-se do ar da noite.

— Santinelli, não sabes?... consegui chegar à varanda. Trepo como um gato, imagina...

— Ele é doido... — disse a mãe continuando a subir e sem se alterar; porém Miriam desandou a rir alegremente, quase convulsivamente, riso que a sacudia toda e impediu-a de subir. Apoiando-se no corrimão parecia não ter mais forças para subir.

— Então foi mesmo verdade? — perguntou Clara, que ficou em baixo; — tratava-se mesmo de uma aposta?

Fris não lhe respondeu, talvez não tivesse ouvido, o certo é que não lhe importava saber se a coisa maravilhosa ou assustara Clara, provavelmente no dia seguinte perguntaria como tinha sido a aventura do rapaz, que a interessava sem dúvida muito mais.

Clara fechou então a porta cuidadosamente, apagou a luz da sala e depois subiu. Ouviu risos e tagarelices no quarto de Glória, com certeza as meninas ali estavam a comentar o acontecimento e a prometer-se bom divertimento para o dia seguinte, enquanto a mãe se preparava para a noite, indo e vindo pelo quarto aquecido, perfumada, ouvindo-as com o seu eterno rosto semi-adormeci-

do, quase triste. Clara teve por um momento a tentação de bater, de entrar, ela também, para tomar parte naqueles comentários alegres, naquela reunião íntima, divertida, espécie de festim que quase todas as noites se realizava no quarto da mãe, e ao qual naquela noite lhe parecia ter certo direito, mas depois venceu-se e passou adiante, chegou ao seu quarto, e entrou tranquilamente.

Sentiu inesperado contentamento em sentar-se. Aquela noite tão estranha podia ser também para ela um dom do destino... Fechou a porta à chave, mas antes de ir para a cama foi até o espelho e olhou-se, durante algum tempo, com os olhos brilhantes.

Fora naquela noite, durante a qual não conseguira fechar os olhos, que fizera o balanço da sua vida, do seu passado solitário e misero, tão sem luz, sem flama, da sua juventude jamais iluminada pelo amor. Lembra-se agora como o gozo fora sempre excluído de sua vida, como fora sempre só, num tão frio isolamento embora habitasse uma bela casa, comesse numa mesa rica, e, quando havia de substancialmente mudado nela, daquele tempo havia lugar, passasse num automóvel de luxo. Mas que no qual, mesma grácil e tímida, voltava da escola para o apartamento onde sua mãe passava o tempo num silêncio cheio de sonhos taciturnos, e ela procurava aquecer-se da melhor maneira possível na cozinha de teto baixo e enfumegado, com um pou- — (Continua na página 56)





a graça de Paris

à flor de sua cútis...



...e margareth duncan

lhe oferece também:

• Sim... É o que lhe assegura Margareth Duncan com a Colônia criada expressamente para dar vida à sua epiderme. É estímulo para a pele, em fricções após o banho. Tonifica e refrigora a cútis, a qualquer momento. Baseada numa fórmula especial, longamente estudada, a Colônia de Margareth Duncan é a graça da mulher parisiense que ressurge e se prolonga em seu corpo.



**PODER —** Finamente pulverizado, de perfume sutil, dá à epiderme um toque de seda, que é um convite à carícia.



**SABONETE —** ...Mas de mais alta qualidade. Suavemente perfumado. De espuma abundante e cariciosa.



**SHAMPOO, ÓLEO E LOÇÃO PARA CABELO —** Três produtos diferentes, três contribuições para que seus cabelos se conservem sedosos e juvenis.

A SERVIÇO DE SUA BELEZA

**margareth duncan**





## ALGUNS TRECHOS DAS CARTAS DE MARIANA DO ALCOFORADO

"Os meus olhos perderam nos teus a única luz que os animava. Só lhe restam lágrimas nem eu lhe tenho dado outro emprego, sendo o de chorar continuamente, desde que soube que estavas resolvido a afastar-te de mim, afastamento para mim insuportável e que cedo me fará morrer."

"Como é possível que lembranças de tão doces momentos se tornem tão amargas?"

"Suporto os males sem murmurar, pois de ti provém o bem de mim. Esta recompensa que me dá de te fazer tão carinhosamente amado?"

"Vês que não me deixaste tranqui-la em meu convento? Fiz-te eu a quem mal? Mas, perdoo, meu amor. De nada te culpo."

"Se conheci bem o excesso de meu amor quando quis curar-me dele, creio que nem duvidas tentado se tivesse podido provar tantas dificuldades e tamanha violência."

"Vão me arranque a minha inocência. Espere, fizeste, com o tempo, alguma coisa paracida com a paz do coração."

"Acabo de não experimentar eu que um coração amante nunca pode esquecer o que primeiro lhe revelou os transportes de que era capaz e que não conhecia?"

"É necessário procurar com jeito os meios de o inflamar no amor, por si, apenas, não gera o amor?"

## DIVAGAÇÕES SOBRE O AMOR

"Beije-me ele como o beijo de sua boca; porque melhor do que o amor é o amor."

"Qual o linho entre os espinhos? Total é a minha amiga entre as filhas."

"Os teus dois seios, amiga minha, são como dois filhos gêmeos da gazela, que se apascentam entre os rios."

"Quem é esta que aparece como a alva do dia, formosa como a lua, brilhante como o sol, formidável como um exército com bandeiras?"

"Dê-me como são sobre o teu coração, como são sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura. O crime: as suas brasas são brasas de fogo, labaredas do Senhor."

("Cânticos" de Salomão)

## CONFISSÃO

SE NÃO A VEJO E O ESPÍRITO A AFIGURA,  
CRESCERESTE MEU DESEJO DE MORA EM HORA,  
CUIDO DIZER-LHE O AMOR QUE ME TORTURA,  
O AMOR QUE A EXALTA E A PEDE E A CHAMA E A IMPLORA.

CUIDO CONTAR-LHE O MAL, PEDIR-LHE A CURA,  
ABRIR-LHE O INFERNO CORAÇÃO QUE CHORA,  
MOSTRAR-LHE O FUNDO INTACRO DE TERNURA,  
AGORA EMBRAVEÇIDA E MANSA AGORA...

E É NUM ARROUBO EM QUE A ALMA DESFALECE  
DE SONHA-LA PRENDIDA E CASTA E CLARA,  
QUE EU, EM MINHA MISÉRIA, ABSORTO A AGUARDO...

MAS ELA CHEGA, E TODA ME PARECE  
TÃO ACIMA DE MIM... TÃO LINDA E RARA...  
QUE HESITO, BALBUÇIO E ME ACOBANDO.

## CONFESSORÍO

ANGELA L. — (Três Pontes — MG) — Escolhi o nome de Beatriz para a filhinha que espero, caso seja menina mesmo. Mas meu marido insiste que ela receba o nome de Berta, como minha sogra...

R.: — Berta é um nome tão bonito quanto Beatriz, minha amiga. Nessa questão de nomes acho delicada a intervenção de terceiros, mas, como apelo para nós ajuda-la em apenas com uma informação: Beatriz é nome de origem latina e significa feliz, bemaventurada. Berta é de origem germânica e quer dizer esplendorosa.

R.: — Berta é um nome tão bonito quanto Beatriz, minha amiga. Nessa questão de nomes acho delicada a intervenção de terceiros, mas, como apelo para nós ajuda-la em apenas com uma informação: Beatriz é nome de origem latina e significa feliz, bemaventurada. Berta é de origem germânica e quer dizer esplendorosa.

R.: — Berta é um nome tão bonito quanto Beatriz, minha amiga. Nessa questão de nomes acho delicada a intervenção de terceiros, mas, como apelo para nós ajuda-la em apenas com uma informação: Beatriz é nome de origem latina e significa feliz, bemaventurada. Berta é de origem germânica e quer dizer esplendorosa.

VFICE — (Petrópolis, — E. do Rio) — Pergunta-me qual a idade ideal para a mulher casar-se.

R.: — A idade ideal é aquela em que a mulher se acha men-

talmente madura para aceitar as responsabilidades de um lar... e isso depende, como é natural, de uma porção de fatores diferentes para cada uma. De modo geral, porém, acho que só deve casar-se depois dos vinte anos — e até um pouco mais — época em que estará mais apta a compreender a vida e a preparar-se para o papel de futura mãe.

Escrevam para "Sonho de Amor" — Redação de FON-FON — Rua Pedro Alves, n. 60 — Distrito Federal. — que Elza Maria aqui estará para ajudá-las em seus problemas sentimentais.

## Escola DE NOIVAS



NATURALMENTE aqui estamos para auxiliar as noivas em tudo o que nos for possível. Como lembrete apenas sugerimos que fariam alguns lençóis de seu enxoval usando os chamados "bordados ingleses" — aqueles que são vendidos em peças, como renda — e com aberturas para fitas. Experimentem e verão como ficam belos e delicados, com uma fitinha de cor suave que venha dar um laço bem no centro. O bordado só deverá ser pregado na virada superior do lençol. Aproveite a sugestão para fazer também bonitas fronhas que ainda oferecem a vantagem da rapidez na confecção.

E, que me dizem de uma colcha de retalhos? Não se riam, por favor. As nossas vovós costumavam guardar belíssimos retalhos de estampados e fazendas lisas que, depois de recortados em tamanhos iguais, eram cosidos uns nos outros de modo a haver harmonia das cores. Vocês poderão usar uma cetineta como fundo e sobre ela pregar vários pedaços de outras fazendas — experimentem os retalhos de seda que darão uma colcha de grande efeito. Procure formar com os retalhos um desenho sobre uma cetineta de cor viva. Para melhor acabamento, forre-a, depois de pronta, com morim fino ou mesmo com cetineta de cor viva também, mas combinados bem franzidos. O remate será igual ao da cor do fundo e em ba-

E, até para a semana.

As mais belas cartas de amor da literatura portuguesa foram escritas por uma freira — Soror Mariana do Alcoforado — e inspiradas por um oficial francês, rapaz de trinta anos, bem apessoado mas de pouca cultura que não soube compreender a grandeza do amor daquela a quem seduziu.

Muito criança ainda, Maria do Alcoforado foi entregue às freiras do convento de Beja para, segundo os costumes daqueles tempos, ter a educação que convinha a uma moça de família ilustre. Tomou aos 16 anos e ali, abandonada num mundo frio e hostil às expansões emotivas, entregava-se, como as companheiras de clausura, às orações e às devoções. Mas, por motivo do falecimento de sua mãe, encarregou-se Mariana de criar a irmãzinha Maria, então com três anos de idade. Naturalmente o coração de Mariana reagiu como reagiria o de qualquer outra com fortes sentimentos maternos: a menina perturbou-lhe o trabalho de absorção mística e foi como um raio de sol sobre os vagos anseios de uma jovem que se estiolava e se debatia na clausura.

Por volta de 1663, ou 1664 — quando Mariana contava 23 anos — o oficial francês, conde de Chamilly, foi designado para servir como capitão no regimento de cavalaria de Briquemaut, regimento que depois foi estacionar em Beja, onde ficava o convento de Mariana. Foi na época dos desentendimentos entre a França e a Espanha.

Mas, como pôde ela, uma freira, conhecer o oficial francês? Ora, Chamilly, ostentando um nome fidalgo, protegido pelo governador geral da província, naturalmente travou relações com as principais famílias de Beja, e entre elas, a dos Alcoforados. Foi muito amigo do irmão mais velho de Mariana, donde talvez, o conhecimento. E ela, fixando os vagos e tumultuosos impulsos da sua exuberância afetiva, amou ardentemente o galante oficial. Aquela figura petulante, aureolada pelo prestígio da guerra e do nome, segredou-lhe que era formosa, que a amava... "Eu era moça e crédula; desde criança haviam-me enterrado neste convento onde só via gente desagradável e onde jamais ouvira as chulsonças que você me dizia constantemente... tudo fazendo para me despertar amor", diz Mariana numa de suas cartas. Mas, para ele, o soldado aventureiro, aquele amor não passava de mais uma de suas aventuras galantes e, passado os primeiros encantos da novidade, começou a sentir o perigo da cega e ardente paixão que lhe dedicava a pobre Mariana.

Em 1667, o conde Chamilly saía bruscamente de Portugal, e as cartas da apaixonada religiosa exprimem os pesares da ausência, as aflições do abandono, os desesperos e os terrores das lancinantes saudades, as angustiosas queixas. Da parte dele houve apenas cartas frias e rápidas, escritas, provavelmente, antes de sair de Portugal. Resolveu, por fim, terminar aquela correspondência impotente, acabar com aquela obsessão que para ele era incompreensível e incômoda. Cortes mas claramente, fez perceber a pobre Mariana a situação, mergulhando-a num profundo desespero.

AS MAIS  
BELAS CARTAS  
DE AMOR

FON-FON — 16-2-1952



# decoração do LAR

YEDA FONTES



**TESTAMOS** na era das coisas assombrosas e impossíveis, das invenções surpreendentes e das inovações totais. No setor decoração muitos são encontrados dificuldades que não podem ser resolvidas pelo clássico e então as invenções modernas vêm em socorro dos decoradores.

A matéria plástica pode ser empregada com sucesso em todas as ramas e agora serve como principal baluarte na decoração moderna. Mesas e cadeiras de matéria plástica nos mais variados feitios e tamanhos, deliciando os olhos num espetáculo maravilhoso.

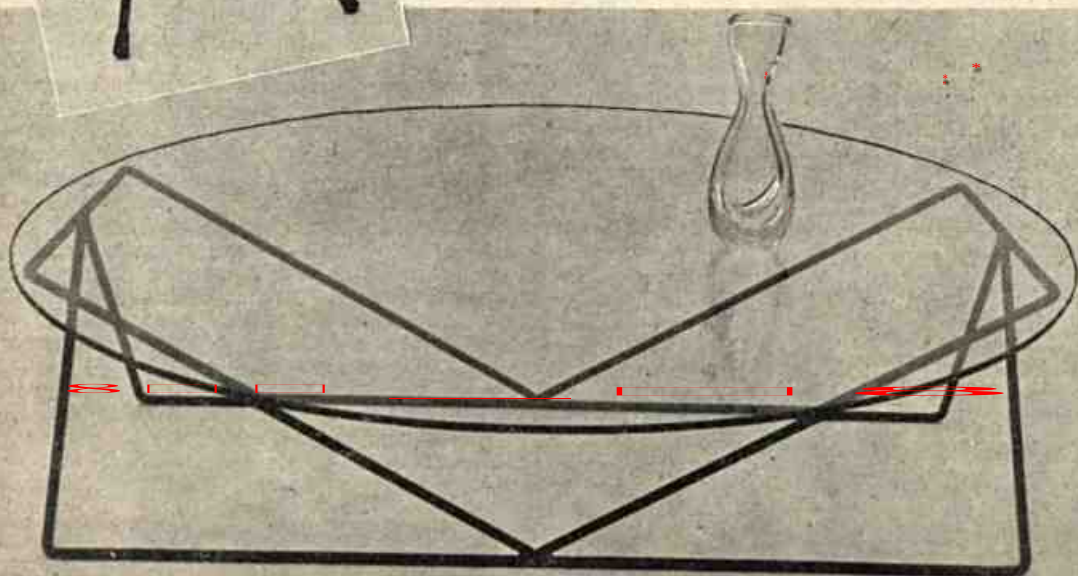
Tais móveis podem ser empregados como complemento numa sala de estar em sua própria casa ou no escritório, como mesa de centro e cadeiras auxiliares.

Ninguém poderá resistir à beleza decorativa de uma mobília deste gênero, dada a simplicidade de suas linhas e a originalidade de sua forma.

Apresentamos duas mesas e duas cadeiras como amostra. As mesas tem suporte opaco e escuro em matéria plástica, imitando ferro. Uma delas é coberta por matéria transparente em feição oval e outra, em forma quadrada, opaca, imitação de madeira ou cortiça.

As cadeiras que são anatômicas são compostas de quatro pés que têm sua extremidade revestida de borracha. Os assentos e encostos são lisos, simples e removíveis.

Dito tudo em que nossos móveis serão dobráveis e portáteis, o que ajudará em muito o problema da mudança. Por ora esta novidade nos basta!



— 4 —



# PUNTA DEL ESTE DISTINGUE O Brasil

O QUE FOI A NOITE DEDICADA AO NOSSO PAÍS — UM GRANDE ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO E UMA FESTA DE GALA — COMO O PÚBLICO RECEBEU OS NOSSOS ATORES

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

Especial para FON-FON

## PERSPECTIVAS

**D**ADA a aceitação que no primeiro festival de Punta del Este obtivera o filme brasileiro "Caçara", grande era a expectativa em volta da estreia oficial do Brasil, em Punta del Este, em 1952. Além disso, a magnífica simpatia que os uruguaios têm pelos seus vizinhos brasileiros e a não menor amizade dos diversos países participantes, a presença da "estrela" Eliana Lage e do seu esposo, Tom Payne, diretor do filme, faziam crescer o ambiente.

A prova disto está em que, pela primeira vez neste festival, foi adiada a hora do espetáculo de gala da noite, dedicado ao Brasil. Havia sido marcado um espetáculo de "Ballet", no Country Club, situado ao lado do cinema, em homenagem às delegações.

A fim de permitir a justa curiosidade em volta tanto do filme quanto do Corpo de Baile Oficial do Uruguai ("Ballet Sodre")



A "estrela" brasileira Eliana Lage, na piscina do Country, em Punta del Este.



o espetáculo foi transferido para a meia-noite, em lugar do horário habitual <sup>para</sup> ~~vinte e três horas e quinze minutos.~~

## OS COMPLEMENTOS

Abrindo o <sup>programa</sup> ~~programa~~, foram exibidos dois complementos: "Santuário", da Vera Cruz, e "A monte de Tiú", da Filmoteca Cultural, indicado oficialmente pelo I. N. C. E., ambos muito aplaudidos. Por ter sido enviada cópia de 16 milímetros, não foi possível <sup>possível</sup> ~~possível~~ exibir um outro curta metragem também designado pelo Governo: "Cerâmica", pro-

## A EXIBIÇÃO DE "ANGELA"

À uma da madrugada (em Punta del Este é hábito oficial o avanço pela noite), foi, finalmente estreado "Angela". Na primeira <sup>primeira</sup> ~~primeira~~ <sup>vez</sup> ~~vez~~ em que surgiu Eliana Lage, a assistência <sup>assistência</sup> ~~assistência~~ prorrompeu em vibrante aclamação. Aliás, a esposa de Tom Payne tem conquistado as maiores simpatias, com o seu trato amável para com todos. O público acompanhou interessadíssimo a <sup>projeção</sup> ~~projeção~~ e não poupan aplausos no final. Eliana e Tom foram muito solicitados para autógrafos. Além do mais, a novidade da chegada, naquela noite, de Marina Cunha e José Lewgoy, despertou também o entusiasmo dos caçadores de autógrafos. À última hora, chegou a notícia de que seriam embarcados "A sombra da outra" e "E proibido sonhar" para <sup>para</sup> ~~para~~ exibição no Festival.

## A GRANDE CONFRATERNIZAÇÃO

Em seu máximo "climax" o Festival de Punta del Este. Ao lado da exibição de importantes filmes e estréias mundiais, foram realizados os dois acontecimentos culminantes da festividade. O primeiro, efetuado no dia 21, consistiu de um imponente almôço de confraternização, em que tomaram parte, no maior salão do Cantegril Country Club, todas as delegações do Festival. No brinde de honra, falaram os chefes das diversas delegações, assim representados: — Itália: Anibal Scicluna; França: André Paulvé; México: Katty Jurado; Grã-Bretanha: John Sutro; Suécia: C. A. Dymling; Alemanha: Vera Molnar; Brasil: Oswaldo M. de Oliveira; Estados Unidos: Phil Riesman; Oficina Católica Internacional: André Ruskowky; Pela imprensa estrangeira: Ermani Contini; pelos críticos uruguaios Giselda Zani e finalmente, o Ministro das Relações Exteriores do Uruguai, sr. Alberto Domínguez Campora. O almôço, que transcorreu em meio de vibrante cordialidade, contou com um grande público a assisti-lo.

## O BAILE DE GALA

A noite do dia 22 foi consagrada ao "climax" das festividades de Punta del Este, o baile de gala dedicado às delegações. Da mesma forma que as solenidades anteriores, efetuado no Cantegril Country Club, em dois vastos salões. As orquestras fo-

Sensação na festa de gala. Katty Jurado "estrela" mexicana, improvisa um "show".





ram escolhidas entre as mais célebres do Uruguai e o club estava decorado com muita elegância. Como ainda não houvesse chegado a maior parte da delegação brasileira na grande mesa dedicada ao nosso país estavam presentes apenas Oswaldo de Oliveira, Vinício de Moraes e senhora, Tom Payne e Eliam Lage. Em gesto de extrema gentileza, a delegação da Grã-Bretanha, por sugestão de Trevor Howard e Ann Todd convidou os representantes brasileiros a fim de passar à sua mesa. Prazeirosamente aceita a atenção houve, assim, mais uma aproximação de vista yga intercâmbio.



Dona Reed, a célebre "estréla", à vontade, em Punta del Este.



Barbara Britton e John Barrymore Jr. almoçando juntos.


















2ª feira

Atlantida apresenta

**BARNABÉ**

**TU ÉS MEU...**

com

**OSCARITO**

**GRANDE OTELO**

**FADA SANTORO**

**CYL FARNEY • LEWEOY**

**RUI REY • BERLIET**

Direção: J. E. Burle

Arrecado: 10,000



Mas, como sempre o fizera, o aspecto do seu maravilhoso amigo devolveu a Ernesto a mesma antiga confiança.

— Não tenhas medo, Ernesto — disse-lhe o seu coração, como se o Grande Rosto de Pedra lhe estivesse murmurando baixinho — não temas, Ernesto; ele virá.

Passavam-se mais anos, suaves e tranquilos. Ernesto ainda habitava o seu vale nativo e era agora homem de meia idade. Pouco a pouco, tornara-se conhecido entre o seu povo. Como sempre, trabalhava para ganhar o pão e era o mesmo homem de coração simples que sempre fora. Mas pensava e sentia tanto, dava tantas das melhores horas de sua vida aos desejos benéficos para a humanidade, que parecia que andara a conversar com os anjos e que se imbuía de uma sabedoria angelical. Não se passava um dia sem que o mundo se tornasse melhor, só porque esse homem, humilde como era, existia. Nunca se apartara do bom caminho, procurando sempre as bênçãos para seus companheiros. A alta e pura simplicidade de seus atos florescia-lhe também nas palavras. Pronunciava verdades que lavravam e amoldavam as vidas dos que o ouviam. Esses, entretanto, nunca suspeitaram de que Ernesto, vizinho e amigo de infância, fosse mais que um homem comum; e Ernesto ainda suspeitava menos; mas, inevitavelmente, como o murmúrio de um riacho, saíam-lhe da boca pensamentos que a nenhum outro cérebro humano ocorreram.

Quando as cabeças tiveram um pouquinho de tempo para refletir, o povo compreendeu que se enganara ao imaginar uma semelhança entre a truculenta fisionomia do General Sangue-e-Ferro e o benevolente rosto da montanha. Mas agora, de novo, surgiam informações, e alguns parágrafos nos jornais, afirmando que a reprodução do Grande Rosto de Pedra aparecerá nos traços de cento eminente homem de Estado. Era também um nativo do vale, tendo-o deixado em criança, segundo a carneira das leis e da política. Em vez da riqueza do sr. Guardamorda e da espada do guerrilheiro Sangue-e-Ferro, ele possuía o dom da palavra, talvez mais poderoso do que os outros. Tão eloquente era que, quando se dispunha a falar, os ouvintes não tinham outra alternativa senão acreditar nele; o errado tomava o aspecto do certo, e vice-versa; pois, quando lhe aprazia, tornava o seu palanque em nevoeiro que obscurecia a própria luz do dia. E após ter corrido os Estados a fama de seu valor o povo escolheu-o para Presidente. E foi nesse tempo que seus admiradores acharam nele a semelhança com o Grande Rosto de Pedra, e ficaram tão convencidos que viram nisso uma inspiração, um ato da Providência divina, aproveitando-o para a propaganda da eleição. Língua de Ouro, como era chamado, quis fazer uma visita ao vale onde nascera, com fins eleitorais. Pouco lhe importava, na verdade, o destino daquela gente. Magníficos preparativos foram feitos para recebê-lo; uma patrulha de cavaleiros foi recepcionando-o no limite do Estado, e todos deixaram suas ocupações e foram esperá-lo na estrada. Entre esses achava-se Ernesto. Embora se tivesse despendido mais de uma vez, como sabemos, era porém tão confiante a sua natureza, que sempre estava pronto a acreditar naquilo que achasse belo e bom. Conservava o coração sempre aberto, para assim poder receber as bênçãos vindas do alto. Portanto, animado como sempre, ele foi esperar o grande homem, ansioso por ver a sua semelhança com o Grande Rosto de Pedra.

A cavalcada veio cabriolando ao longo da estrada, com grande ruído de cascos e grossa nuvem de poeira, que subia tão densa e alta que o rosto da montanha chegou a ficar completamente escondido. Todos os grandes homens das vizinhanças encontravam-se a cavalo; os oficiais da milícia em uniforme de gala; os membros do Congresso; o chefe da comunidade; os editores dos jornais; e muitos fazendeiros com as suas roupas dominicais. Era, de fato, um brilhante espetáculo, principalmente porque havia numerosas insígnias desfraldadas sobre os cavaleiros, nas quais estavam estampados sonhadores retratos do ilustre homem e do Grande Rosto de Pedra, sorrindo um para outro, como dois irmãos. A julgar por aquelas pinturas, a semelhança era maravilhosa. Não devemos esquecer que havia uma banda de música, que fazia com que os ecos da montanha ressoassem aos altos brados de triunfo; e de todos os lados surgiam os cânticos entusiásticos, como se todos os recantos do vale tivessem criado voz, para saudar o distinto hóspede.

O povo jogava no ar os chapéus, com entusiasmo tão contagiado que o coração de Ernesto se abalou e ele também atirou o chapéu e gritou, tão alto quanto pôde: — Salve o Grande Homem! Viva o Língua-de-Ouro! — Mas ainda não o viu.

— Ah vem ele! gritaram os que estavam a seu lado. — Olhe lá! Olhe para o Língua-de-Ouro e depois para o Grande Rosto de Pedra, e veja se não são como dois irmãos gêmeos!

# ARTE DE SER BELA

## DEVERES DE FÉRIAS — (I)

### TENHA EM MENTE

Férias de falta de cuidado = perigo para a beleza. Nas praias, nas montanhas, e no campo, sua beleza está ameaçada da cabeça aos pés. Procure prever os perigos e limitá-los.

### O CUIDADO DO ROSTO

Você pode escolher: a tonalidade bronzada, que é um dom do sol, ou a tonalidade artificial, dom dos institutos de beleza, mantida à custa de mil cuidados.

### TONALIDADE BRONZEADA NATURAL

A sua pele ficará amorenada sem perigo, segundo você deseja, e facilmente pode adquirir um belo tom bronzado, expondo-a ao sol. Porém a própria consistência da pele a predispõe a tornar-se grossa, o que é preciso evitar para que o rosto não fique com a consistência do couro. Não prestando, portanto, por de lado os produtos que sirvam de película protetora. Você aplicará pela manhã, após uma ligeira maquiagem, um pó que ao mesmo tempo fornece o desejado colorido e seja harmonioso. Se usar artifício, que ele seja em pequena quantidade e o mais leve possível e desconfie de certos óleos para as pálpebras que os raios do sol, decompondo, pode tornar até irritantes.

### TONALIDADE BRONZEADA ARTIFICIAL

Sua pele sensível necessita, no que diz respeito à saúde, de sol. Mas, sob o sol, ela fica avermelhada e com tendência a rachar, desfigurando-a. Entretanto, se está decidida a ter uma pele amorenada, lance mão de um truque na maquiagem. Parta, em férias, munida de todo um arsenal: bases para fixar o pó-de-arroz; pós diferentes e, principalmente, produtos protetores, os quais você usará em maior quantidade, do que os outros e dos quais fará a base de sua maquiagem. Várias vezes por dia limpe o rosto com o auxílio de um creme de limpeza e deixe a pele respirar antes da aplicação da nova maquiagem. Não saia nunca com a cabeça descoberta.

### O TOM DA PELE NA CIDADE

Você acha que a tonalidade bronzada não lhe assenta e por isso pretende voltar a cidade, tal como dela saiu com a pele naturalmente clara. Deve então passar mais tempo nos institutos do que nenhum outro, intensificando os cuidados de beleza como nutrição, circulação e limpeza; abusando de produtos protetores; mantendo a maquiagem fresca e clara com sombreando nos olhos; e não saia sem chapéu ou sem guarda-sol.

### AO AR LIVRE

Bracos, mãos, pernas e pés.

A promiscuidade na praia faz com que você exponha o que só se costuma deixar ver de alguma distância ou então coberto: bracos, pernas e pés. O sol sublinha impiedosamente cada defeito e cada pelinho parece brilhar mais. Elimine estes últimos com creme, com a cera depilatória ou com a gilete. Passe a pedra póme nos bracos para dar-lhe o polimento do mármore. Não passe verniz nas unhas dos pés ou das mãos sem que os tenha desembaraçado das cutículas, com o auxílio de um creme oleoso. Que seu cotovelo, sejam tão lisos quanto os joelhos e calcanhares. Combata todas as erupções, cicatrizes e rachaduras. Faça massagens nos pés pela manhã e à noite para apagar a marca deixada pelas sandálias. Faça com

que a pele das mãos fique suave apesar da tonalidade bronzada, preservando-as com cremes especializados.

### LUTE CONTRA O CALOR POR MEIO HIDROTERAPIA

Permanecer fresca se deseja continuar bela. O cansaço também é prejudicial; evite-o portanto. Um agradável banho de imersão deixa-a bem disposta e perfumada. Evite as fricções muito vigorosas e ensugue o corpo com uma toalha macia. Use abundantemente talco para evitar os atritos, e portanto, as vermelhidões. Antes de se vestir, nem que seja por alguns instantes, passeie nua pelo quarto, a fim de que toda a epiderme respire; e, se vestir qualquer roupa de baixo, prefira o linho que é mais fresco do que a seda.

### A BELEZA TAMBÉM SE CONSERVA POR MEIO DE UM SONO TRANQUÍLO

A sesta que se faz além do sono noturno é um costume dos países quentes. Nas férias procure fazer a sesta num quarto com as persianas fechadas e cortinas corridas para lutar contra a temperatura exterior. À noite, ao contrário, abra bem as janelas. Mas, se o calor continua a molestá-la, coloque por trás das orelhas pequenos tampões embebidos em água de colônia, o que dá sensação de frescura. Finalmente deve usar uma cama dura e reta e prender os cabelos para trás, com uma fita, para que não caíam na testa e façam com que esta fique umedecida com suor.

### POR MEIO DE UM REGIME APROPRIADO

Quando em férias, não coma nada sob pretexto de provar pratos regionais, pois o mau funcionamento do fígado far-se-á sentir em sua pele. Uma alimentação racional neutraliza os maus efeitos do calor. Aumente as rações de frutas, de legumes e de verduras. Limite o consumo de açúcar, de alimentos feculentos (como a batata, etc.) e de carnes gordas. De preferência, em vez das bebidas geladas, que aumentam a transpiração, a beber chá frio, leite e água de cevada. Mas tome-as em grande quantidade a fim de combater a desidratação.

### POR MEIO DE CERTOS PRODUTOS DE BELEZA

Mergulhar o rosto na água fria, nos dias de calor intenso, pode dar-lhes uma sensação agradável, mas fictícia. Na realidade, seu efeito é congestionante. Certos leites e tônicos suaves são infinitamente preferíveis para refrescar a pele, tanto superficial como profundamente.



E na carruagem, puxada por quatro cavalos brancos, viu-se a maciça cabeça, sem chapéu, do ilustre homem de Estado.

— Confessa, que afinal o Grande Rosto encontrou o seu semelhante! disse um dos companheiros de Ernesto.

Ao primeiro olhar lançado, Ernesto vislumbrou, sim, qualquer semelhança entre os dois rostos. A testa, altiva e funda, e os outros traços, de fato, eram de talhe forte e ousado, como baseados em titânico modelo. Mas a sublimidade e a grandeza, a grande expressão de divina simpatia que iluminava o rosto da montanha e lhe eterealizava a portentosa substância granítica em espírito, seria ali em vão procurada. Nas fundas cavernas dos olhos, o preñado homem de Estado conservava qualquer coisa de vasto e vago, porque lhe faltavam os altos propósitos.

— Vejo muito pouca semelhança, ou mesmo nenhuma! disse Ernesto asperamente.

E afastou-se com melancolia e quase desanimado, pois essa era a mais triste de suas decepções, ver ali um homem que poderia ter realizado a profecia e não o fizera por falta talvez de boa vontade.

— Aqui estou, eu, Ernesto! pareciam dizer-lhe os imensos lábios da montanha. Espere! muito mais do que tu e não desanimei. Não temas; o homem virá.

Fugiram os anos, e trouxeram cabelos brancos que espalharam sobre a cabeça de Ernesto; formaram-lhe veneráveis rugas na fronte e sulcos nas faces. Era um homem idoso. Mas não fora em vão que envelhecera; mais do que cabelos brancos na cabeça tinha ele pensamentos sábios no espírito; suas rugas e sulcos eram inscrições gravadas pelo Tempo, e nas quais estavam escritas legendas de sabedoria exemplificadas em toda uma vida. E Ernesto deixava de ser obscuro. Não procurada e não desejada, a fama, que tantos procuraram, veio para ele e fizera-o conhecido no mundo, além dos limites do vale no qual vivia tão tranquilamente. Professores de universidades e mesmo os homens ocupados das cidades vinham de longe para conversar com ele; pois a notícia corria de que esse lavrador tinha idéias diferentes das dos outros homens, não obtidas em leituras, mas de mais alta qualidade — uma tranquila majestade, como se conversasse familiarmente com os anjos. Ernesto recebia esses visitantes com a genial sinceridade que o caracterizara desde a infância, falando livremente dos assuntos supremos ou do que jazia no mais fundo do seu coração e no dos outros. Deixando-o, pensativos com a plenitude de suas palavras, os visitantes, ao passar pelo vale, paravam para olhar para o Grande Rosto de Pedra, achando que tinham visto um rosto parecido com aquele, mas não se lembravam onde.

Enquanto Ernesto envelhecia, uma bondosa Providência deu ao mundo mais um poeta. Era também um filho do vale, mas viveu a maior parte da vida longe dessa romântica região, vertendo a sua doce música por entre o estrépito das cidades. Apesar disso, de vez em quando as montanhas de sua terra natal elevavam os seus picos nevados até a clara atmosfera da sua poesia. Nem fora esquecido o Grande Rosto de Pedra, pois o poeta celebrara a nome ode, suficientemente grande para ser declamada por aqueles lábios majestosos. Esse homem de gênio veio do céu com dons maravilhosos. O Criador fizera com ele uma obra-prima. A Criação não estava terminada até que esse poeta viesse ao mundo para completá-la.

Os versos desse poeta chegaram até Ernesto. Lia-os após o habitual labor, sentado no banco à porta da sua choupana, onde permanecia em contemplação do Grande Rosto de Pedra. E agora, lendo, estâncias que faziam estremecer a alma, elevava os olhos para aquele vasto semblante irradiando tanta benignidade.

— Oh! Majestoso amigo! Não será este homem digno de se parecer contigo?

O Rosto parecia sorrir, mas não respondia. Aconteceu que o poeta, embora morasse tão longe, não só ouvira falar de Ernesto como meditara sobre o seu caráter ao ponto de não imaginar nada tão desejável quanto ir procurá-lo. E no declínio de um dia do verão, o poeta, com a sua maleta na mão, perguntou onde morava Ernesto, resolvido a pedir-lhe que o aceitasse como hóspede.

Encontrou o bom velho, com um livro na mão, que ora lia ora deixava de ler, para contemplar amorosamente o Grande Rosto de Pedra, enquanto marcava as páginas com um dedo.

— Boa tarde, disse o poeta. Pode dar acolhida a um viajante por uma noite?

— Pois não, responde Ernesto, e acrescentou sorrindo: — Acho que nunca vi o Grande Rosto de Pedra olhar tão hospitaleiramente para um forasteiro.

(Continua na página 54)



# modas FON-FON

*Segredos...*

**COMO** prometemos numa das crônicas anteriores, vamos fazer aqui um apastinho geral sobre os vários tipos femininos, com os seus defeitos e a maneira aconselhável de corrigir os por meio de formas adequadas e tecidos recomendados. A nossa leitora não deve esquecer-se de que a elegância não éapanágio das mulheres bem proporcionadas e bonitas, mas de toda aquela que sabe aproveitar-se do que tem de melhor e corrigir o que tem de pior. Podemos classificar, ou antes, distribuir as silhuetas femininas em cinco grupos principais, que são os seguintes: tipo normal proporcionado, tipo pequeno muito delgado, tipo pequeno muito forte, tipo grande muito delgado e tipo grande muito forte. Vejamos cada um deles separadamente.

**Tipo normal proporcionado** — Seus defeitos mais comuns: pescoço e pernas, algumas vezes bastante delgadas. Para esses defeitos, as formas aconselhadas são: decotes altos sobre a nuca e sobre os lados do pescoço e em "V" na frente. Especial atenção ao comprimento das saias. Os tecidos recomendáveis incluem todas as qualidades, todas as espessuras e todas as disposições, desde os escoceses até os estampados.

**Tipo pequeno muito delgado** — Seus defeitos são: cabeça muito importante em relação à silhueta, isto é, destacando-se em demasia. Pernas algumas vezes bastante longas. Para esses defeitos as formas aconselhadas são: decotes altos, mangas curtas, busto colante. Saias largas, porém muito atenção quanto ao seu comprimento. Entre os tecidos recomendados, indicamos as lãs ásperas e as sedas de todas as espécies, mesmo as leves. Também podem ser incluídas as fazendas estampadas com motivos miúdos.

**Tipo pequeno muito forte** — Eis os seus defeitos: pescoço curto, rosto redondo, busto desenvolvido e pernas curtas. Para corrigir os ou disfarçá-los, as formas aconselhadas serão os decotes em ponta, as linhas longas e oblíquas, pouca largura nas saias, mangas curtas ou três-quartos e saias, de preferência longas. Entre os tecidos recomendáveis, sugerimos os tecidos ásperos, de colorido discreto e fazendas estampadas com pequenos

(Conclui na página 26)

Saia e blusa de tons diferentes, ambas guarnecidas de flores artificiais no bolso e no decote. — Manequim 48 - Moldes de 5 a 9 no Suplemento anexo.



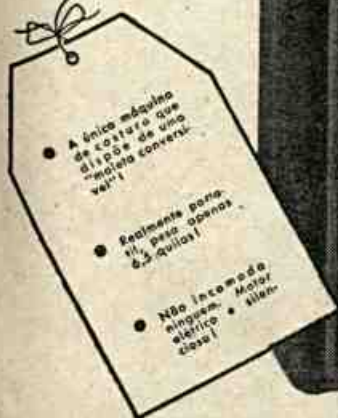
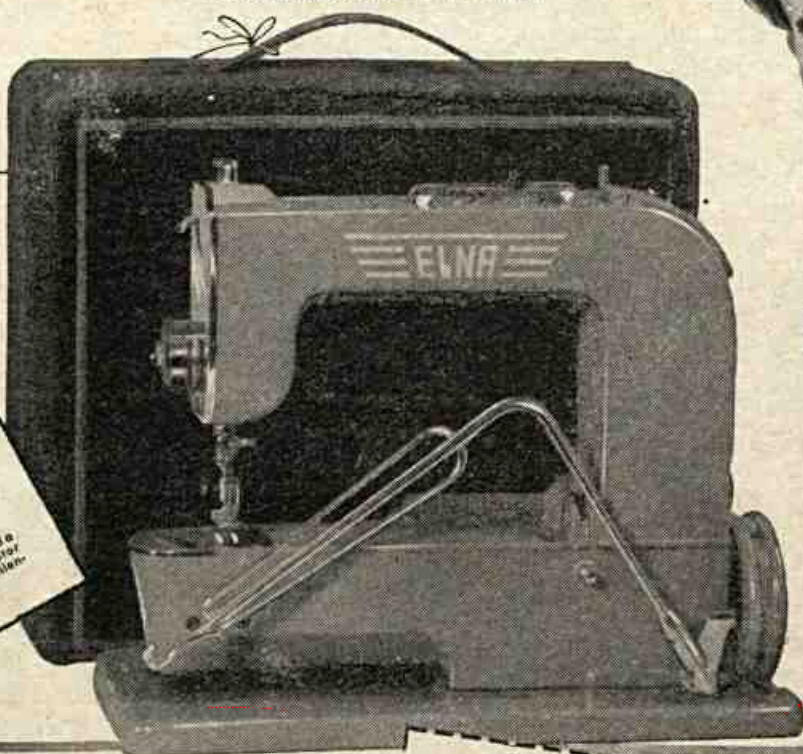


esta é  
a sua

# Oportunidade!

Durante um período especial, as máquinas ELNA serão vendidas sem entrada inicial, podendo a Sra. comprar a sua ELNA em suaves prestações mensais. Esta é a oportunidade que a Sra. esperava. Não a deixe passar, fazendo hoje mesmo uma visita à loja ELNA e inscreva-se no novo plano de pagamento.

**ELNA**  
É MODERNA, ELÉTRICA, PORTÁTIL.



## COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

**Rio de Janeiro** Av. Calígulas, 23 - Tel. 32-6642  
 e Av. Rio Branco, 120 - Loja 22  
**São Paulo** Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8 51  
**Belo Horizonte** Rua Tambores, 90 - Tel. 2-1930  
**Porto Alegre** Rua dos Andaraes, 1538 - Tel. 9 1643  
**Recife** Rua da Condição, 143  
**Curitiba** Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174  
**Juiz de Fora** Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636  
**Santos** Rua João Pessoa, 10 - 4º andar - Tel. 2-7-58  
**Salvador** Ed. Sul América - Trav. Bonifácio Costa, 2 salas 513/515  
**Campinas** Rua 13 de Maio, 413

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residência.  
 Nome: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_  
 Estado: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_



motivos, "pois" ou listras. Devem ser evitados os tecidos de quadriculado escocês.

**Tipo grande muito delgado** — Tem como defeitos: pescoço magro, costas um pouco abauladas e busto chato. Para estes defeitos, as formas aconselhadas serão: decotes altos ou drapeados, palas, blusas, costas da blusa folgadas, busto e quadris drapeados, basques e abas, bolsos e saias amplas. Entre os tecidos recomendados se incluem: todos os tecidos, so-

bretudo os de grande quadriculado escocês, os estampados de grandes motivos e todas as fazendas leves.

**Tipo grande muito forte** — Seus defeitos principais são: pescoço grosso, busto desenvolvido, cintura grossa e costas curvas. Para mascarar estes defeitos as formas aconselhadas são os decotes em ponto, linha sem muita largura, costas folgadas, alguns drapeados e comprimentos médios. Entre os tecidos recomendados incluem-se: os estampados discretos, de motivos

longos, os tecidos de cores sóbrias, e algumas qualidades de tecidos leves.

Se a leitora tiver lido com atenção o que acabamos de escrever, facilmente terá sabido incluir-se em um dos tipos descritos. E de posse deste conhecimento sobre a própria silhueta, não lhe será difícil escolher os modelos mais apropriados e as fazendas mais adequadas, levando uma grande vantagem sobre as mulheres que têm bom gosto, mas que desconhecem o próprio físico. — G.B.

*Lindo modelo para uma liseuse em babados de chiffon, plissadas, arrematados com renda valenciana. Manequim 46 — Moldes de 10 a 11, letras de A a H, no suplemento anexo. (Aplá)*





# Sugestões de última hora



3 QUIROMANCIA — Saia preta, aberta lateralmente, com cartas de baralho aplicadas. Blusa assimétrica, formada de retalhos variados.

1

2

3

1 FAZENDEIRA, facilmente executável, com uma calça de brim mescla, sobre a qual se aplicam alguns remendos. Blusa branca, amarrada sob o busto. Chapéu de palha desfiada na aba.

2 CAVALHEIRO ANTIGO — Casaco frente-única, com grande gola branca. Short de fazenda quadrado. Chapéu de copa alta.

FON-FON — 16 - 2 - 1952





## Arranjos de Última Hora

- 1 Um simples vestido preto, ao qual se prende várias ordens de guias grandes. Completa uma echarpe de fazenda listrada em cores vivas.
- 2 Uma "pigolette" facilmente executável: short preto, camisa de malha listrada, lenço de cetim no pescoço, boina na cabeça e meias de malha.
- 3 Arranjo tropical: calça comprida branca com busto e faixa de tafetá listrado em cores vivas. Lenço do mesmo tecido na cabeça, por baixo de um amplo chapéu de palha.

- 1 Arranjo para um gracioso ZÉ CARLOCA: short e busto sem alças em panamá branco. Chapéu de palha e colarinho no pescoço, do qual desce uma longa gravata de cores berrantes.
- 2 Uma PIRATA, que pode ser feita em poucas horas: saia listrada remendada, blusa frente-única preta, lenço na cabeça e no pescoço, oco listrada.
- 3 Graciosa PINTORA, feita com um short e um paletó amplo (uma saia de prata pode servir). Grande laço no decote, e boina na cabeça.



# FANTASIAS para



Gil Brandão  
Rio

**FANTASMA VOADOR** — Fantasia de malha cinzenta, calção de cetim listrado, vermelho e branco. Cinto e botas de verniz preto.

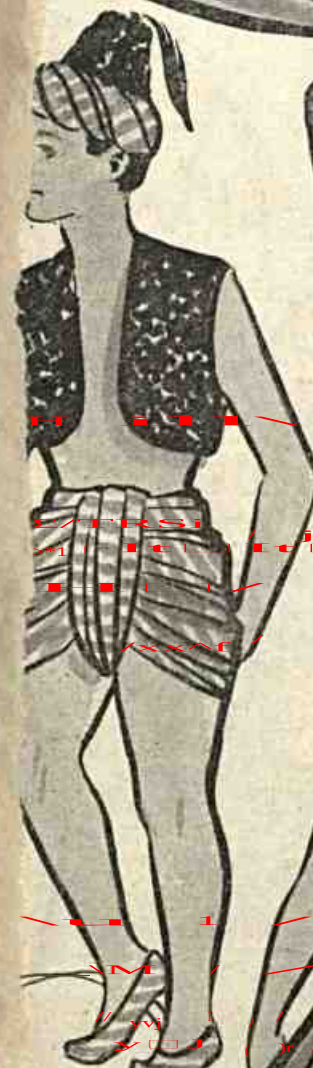
**BEZOURO** — Graciosa fantasia em cetim vermelho com bolas pretas, formando duas asas sobre uma saia armada de organdi. Solteu no mesmo tecido, com duas antenas de arame.

**HOLANDESA** — Fantasia em tafetá listrado. Touca, mangas e avental aplicado em organdi de algodão. Tamancos de madeira.

# rianças

**SUPERHOMEM** — Fantasia em malha cinzenta, calção de cetim preto, emblemas aplicados em vermelho e branco. Botinhas vermelhas.

**TURCO** — Calção drapeado, sandálias e arremate do fez em cetim listrado. Bolero e fez completamente recobertos de lantejoulas e vidriños.



**MARINHEIRA** — Fantasia azul, vermelho e branco, grande gola, saia pregueada e uma âncora metálica presa na cintura por uma corda dourada.

**MELODIA** — Em cetim amarelo e preto, graciosa fantasia de sala godê franzida, com notas musicais e nomes de melodias bordados.





1 Vestido de linho, blusa trespassada em obliquo, cujo movimento se prolonga pela saia envelope. Duas fileiras de botões e um bolso embutido.

2 Vestido transformável em shantung estampado, guarnecido de viéses brancos nas bordas do casaco reto, estilo japonês. Busto com uma parte branca franzida e presa por uma fivela. Saia justa com um bolso lateral e sobre-saia destacável, bem ampla.







1 Vestido em praiana verde, com vieses brancos abotoados, que formam alças no busto e bolsos embutidos na saia. Bolero no mesmo estilo.

A saia deste vestido forma duas longas lapelas na frente, que continuam as que descem da gola reta, presa no pescoço com uma rosa. Grêças metálicas são aplicadas bem próximas na parte superior e vão se espalhando gradativamente em direção à cintura e à barra da saia. O bolero é preto por baixo das lapelas.

2 Em organza de algodão ou de nylon, este vestido juvenil tem a blusa toda de pregas religiosas e a saia em painéis alternativos, um liso e o outro pregueado.



3





1. Uma faixa oblíqua de fustão branco orna este modelo de linho cinzento, cujo abotoamento lateral termina num **aparelho de pregas**.
2. Vestido turevil de algodão, trabalhado de pregas horizontais na parte superior e na inferior da saia ampla. Blusa decotada também **trabalhada num jogo de pregas**.
3. Vestido de fustão, com recortes retos, que terminam na saia em abas limitadoras de bolsos embutidos. Dois grupos de quatro botões grandes.



# método FON - FON de corte e costura

Autoria técnica de d. ELOYNA ANNECCHINI DE ARAÚJO  
Revisão artística de GIL BRANDÃO

## LIÇÃO XII

### A prova dos vestidos

A PROVA dos vestidos é a pedra angular da costura. Sem uma prova correta e cuidadosa não é possível fazer-se um vestido perfeito. A execução de um vestido, por outro lado, comporta um risco e uma despesa, que só o bom resultado do trabalho pode compensar. Nada deve ser confiado ao acaso. E a primeira condição para o resultado feliz da costura é uma boa prova, feita com atenção e minúcia.

Quando a mulher costura para si mesma, a prova deve ser feita de preferência sobre um manequim, sobre qual, aliás, já tecemos vários comentários em lições anteriores. É necessário que o manequim tenha as medidas da pessoa. Ora, esses manequins que reproduzem fielmente o corpo, ou são muito caros ou não existem à venda em nossas casas, como é o caso do manequim ideal francês, fabricado em malha metálica amoldável a qualquer corpo.

O manequim rígido é o mais barato, mas só raramente corresponde às medidas exatas da pessoa. Isto, no entanto, pode ser remediado pelo processo do "bourrage" do manequim clássico, processo este, que acabamos de ver nas últimas lições do nosso método.

Se não houver manequim, a mulher que costura para si própria deve ter a paciência de experimentar no próprio corpo, servindo-se de uma ajudante, pelo menos para a prova.

Se não houver nem ajudante, nem manequim, deve-se por o vestido e, diante de um espelho de comprimento total, anotar-se e marcar-se as correções necessárias.

Dispa-se o vestido e faça-se as marcações com alfinetes. Experimente-se outra vez e corrija-se os defeitos até que tudo esteja perfeito.

Na primeira prova, é mais fácil experimentar separadamente a saia e a blusa.

Como é muito frequente nos dias de hoje, adquirir-se moldes já cortados, seja em livrarias, seja por intermédio do Departamento de Modas de FON-FON, é interessante dar aqui uma série de regras que deverão ser observadas, tão logo a leitora tenha em suas mãos o molde desejado:

1.º — Escolher cuidadosamente o tecido, que deve ser adequado ao modelo e cuja metragem deve atender às necessidades do molde.

2.º — Controlar se o tecido está bem cortado a fio direito nas duas extremidades; para isso, basta desfiar um pouco e acerta-lo com uma tesoura.

3.º — Fazer o "décatissage", com um pano molhado, quando se trata de lã.

4.º — Molhar n'água, os tecidos que encolhem.

5.º — Passar a ferro, a-fim-de que a fazenda esteja pronta a ser usada.

6.º — Desdobrar o molde e estudá-lo com o máximo de atenção.

7.º — Escrever sobre o molde, os nomes das peças correspondentes.

8.º — Acentuar com um lápis todos os sinais: flechas indicadoras do fio direito, perforações do meio da frente e do meio das costas, das pencaes das bordas a dobrar, indicações das costuras aparentes, bem como escrever letras iguais nos pontos correspondentes das peças para facilitar a sua união.

9.º — Verificar no seu manequim (que, nessa altura, já deve ter sofrido o processo de "bourrage") se as medidas do molde coincidem com as suas. Para isso, prender o molde com alfinetes no manequim.

10.º) — Retificar as medidas, se for o caso, indicando a lápis, as modificações, sobre o papel.

11.º) — Dispor sobre o tecido, as peças do molde, seguindo as indicações do esquema.

12.º) — Cortar, seguindo o contorno dos moldes e deixando-se quatro centímetros de reserva para as costuras e oito centímetros para as bainhas.

13.º) — Passar linhas de direção no exato fio direito, horizontal e vertical.

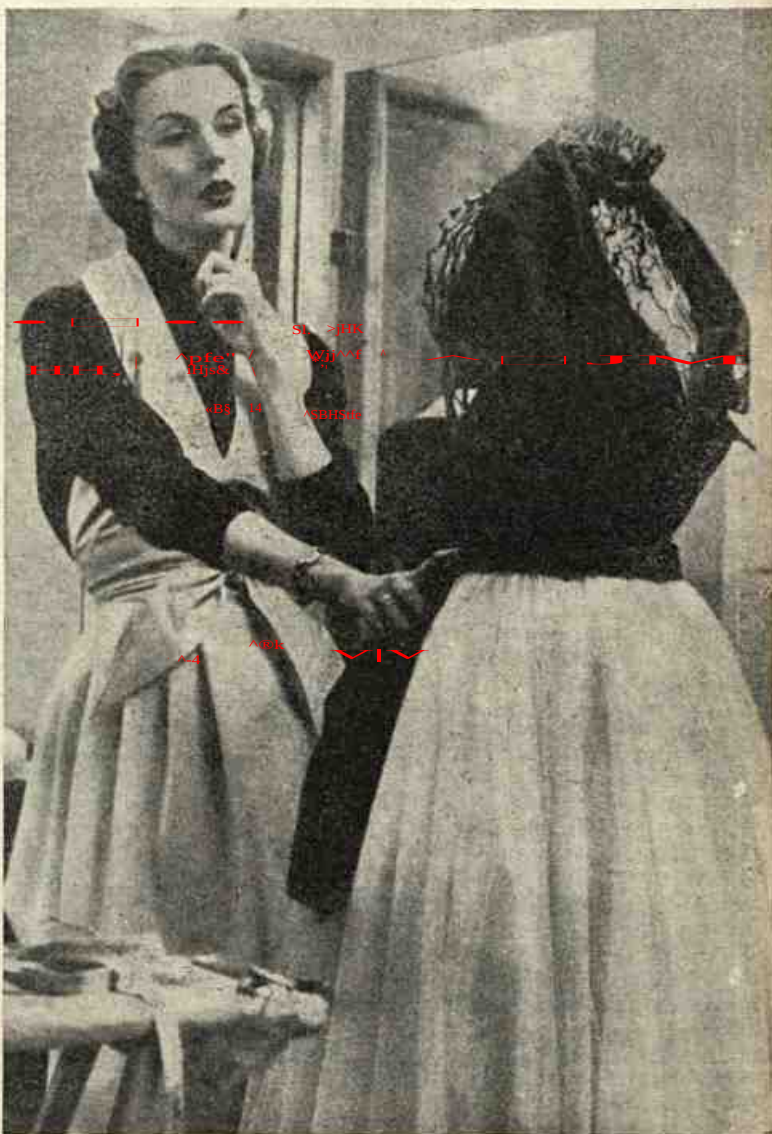
14.º) — Alinhar os fios de contorno dos moldes.

15.º) — Prender com alfinetes, seguindo os fios de contorno, as duas espessuras do tecido, a-fim-de poder passar os fios para o outro lado, obedecendo os alfinetes. Isto se faz quando as peças são simétricas e o tecido está dobrado em dois para maior rapidez do trabalho.

16.º) — Reunir por uma alinhavo de pontos pequenos, todas as peças do vestido em suas relações exatas. Depois de tudo isso, o vestido estará armado e pronto para ser experimentado.

Se estes conselhos forem sempre obedecidos, o trabalho das provas ficará grandemente facilitado e a confecção do vestido correrá rapidamente, sem dóres de cabeça.

Na próxima semana, continuaremos com o mesmo assunto.





# DETALHES DE COSTURA



vata é de humor volúvel, você executará uma gravata reversível. Corte, segundo os nossos dois esquemas, duas gravatas de côrtes diferentes, coloque-as uma sobre a outra, direito contra direito, costure pelas linhas de contorno, no lado avesso, deixando uma abertura no meio, a-fim-de poder virá-la pelo direito.

Alinhave ligeiramente a fiavela interna, corte 3 um centímetros das costuras, puxe a gravata para o lado direito e passe ligeiramente a ferro.

Se ele cansar-se de sua gravata lisa, você poderá renová-la com 35 centímetros de uma fita de cetim ou gorgurão, que será escolhida cuidadosamente, de acordo com o tom da gravata. Essa fita será costurada com muita atenção, seguindo minuciosamente o fio reto da gravata.

## GRAVATAS COM INICIAIS

Uma gravata é sempre um presente útil, mas relativamente banal por ser tremendamente comum.

Todo o mundo sabe que o presente fácil, comprado no último momento em consequência de um esquecimento, é, quase sempre, "uma gravata".

Mas se você, querida leitora, comprar uma gravata lisa e, para torná-la mais pessoal, bordar as iniciais daquela a quem vai ser oferecida, o seu gesto generoso se transformará numa delicada intenção, que terá, certamente, um caloroso acolhimento.

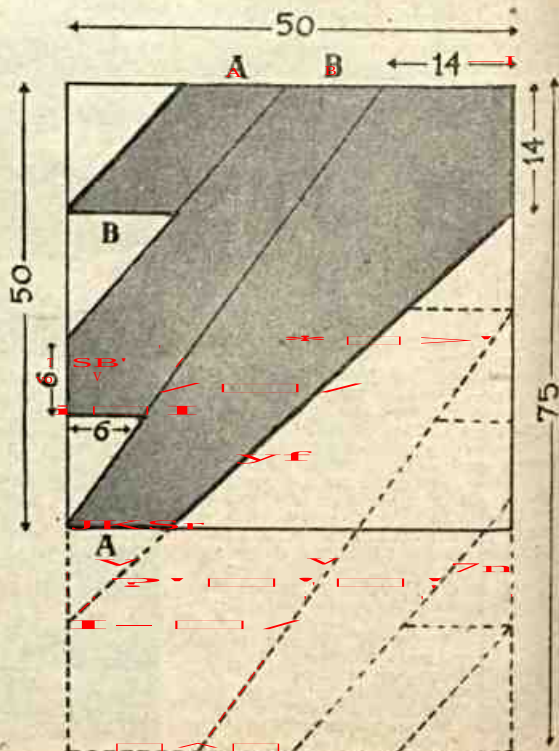
Se você própria executar a gravata, gozará de dupla vantagem, pois não só ela terá mais valor, como custará muito menos.

Com meio metro de um tecido que tenha noventa centímetros de largura, você poderá fazer dois moldes segundo o esquema que apresentamos nesta página.

Coloque uma fiavela fina no meio.

Poderá também executá-los em tecido inhabitualmente usados a este fim, como o veludo "cotê", que irá muito bem com os ternos-esporte.

Se a pessoa a quem é destinada a gra-





# Praia



QUATRO AGRADÁVEIS MODELINHOS PARA PRAIA EM TECIDO ESTAMPADO DE CORES VIVAS COM RO. OS FEITOS DEVEM SER FOLGADOS DE MODO ENFEITES DE FAZENDA BRANCA OU DE TOM CLARO PARA PERMITIR MOVIMENTOS BEM LIVRES.

**CRIANÇA BEM VESTIDA ENVAIDECE OS PAIS**  
Sugestões da



## Casa Valentim

**VESTE AS CRIANÇAS DO BRASIL**

Atendemos pelo Reembolso Postal — Solicite Catálogo ao Departamento do Interior — Rua Sete de Setembro, 122 a 128 — Matriz

**FILIAIS:**

São Paulo  
Rua Libero Badaro,  
126

Belo Horizonte  
Av Afonso Pena,  
543

Porto Alegre  
Rua Andradas,  
1625



# Graciosa saia para menina

DE 1 A 2 ANOS

## MATERIAL NECESSARIO

200 gr de lã branca, 1 novêlo de lã azul royal para as barras, um pouco de verde para bordar as folhas; agulha n. 3.

\* \* \*

## PONTOS EMPREGADOS

**Cordões de tricô** — Todos os pontos no avesso e no direito em tricô.

**Ponto de tijolinho** — 3 pontos em tricô, 3 pontos em meia, contrariar os pontos na outra carreira, onde fôr tricô fazer meia, e onde fôr meia fazer tricô, e no avesso fazer todos os pontos em tricô.

Montar 320 malhas em lã azul; fazer 10 cordões de tricô, isto é, 20 carreiras, 10 carreiras avessas e 10 direitas.

Depois passa-se para a linha branca e começa-se o ponto de tijolinho que se trabalha durante trinta centímetros, reduz-se a 160 pontos; passa-se a trabalhar novamente na linha azul, que será o cós da saia, fazer vinte cordões de tricô (quarenta carreiras, vinte di-

reitas e vinte avessas) arrematar todos os pontos.

\* \* \*

## PALA E ALÇAS

Para a pala montar 35 malhas e trabalhar as seis primeiras e as seis últimas em azul e em cordões de tricô e as vinte e três malhas do meio em ponto de tijolinho durante dez centímetros, e terminando em dois centímetros de cordões de tricô em azul.

Para as alças montar oito pontos que se trabalham durante vinte e seis centímetros em ponto de cordões de tricô.

\* \* \*

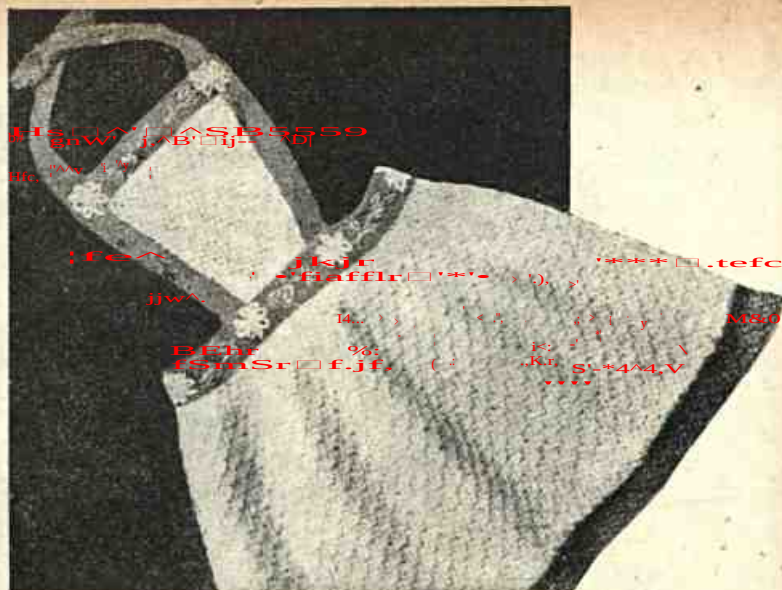
## MONTAGEM

Passar o trabalho a ferro com um pano humido. Costure um lado com o outro, para fechar a saia, deixando um espaço de dez centímetros para pôr um fecho éclair.

Colocar um botão de cada lado do cós na parte de traz e fazer uma casa na ponta de cada alça para cruzá-las atrás e abotoar no cós.

Borde pequenas flores em ponto de laçadas em branco e faça as flores no mesmo ponto em verde conforme a gravura.

FON-FON — 16-2-1952



**CURSO DE CORTE E COSTURA**  
Mme. Eloyua Annecchini  
de Araújo  
Av. Roma, 421 — Bomsucesso  
Tel. — 300726726



# Tulipa

Trabalhos e decorações em flores naturais.

RUA ASSEMBLEIA, 79  
(EM FRENTE A DROGARIA V. SILVA)

TEL. 22-0576

A NOITE, DOMINGOS E FERIADOS — 47-2609



# Vestidos Simples



- 1 Modelo em linho ou shantung, de tom claro, com bolsos dissimulados sob os "panneaux" da saia.
- 2 Vêzes em tafetá distribuído azul e branco realçam este vestido em "doublon" azul-marinho.
- 3 Vestido simples, em tecido de seda branco. Os "panneaux" da saia terminam formando bolsos.
- 4 Este modelo, em "popeline" amarelo-limão, leva uma gola em piqué branco. Botões também brancos.
- 5 Modelo em surah fantasia, azul-marinho e branco. Franjidos no corpo, sob a pala.







1 Vestido em surati com "pols", com gola e punhalos de guipure branco. Cinto longo, cruzado.

2 Muito interessante este modelo em tole ou crêpe azul-marinho, com enfeites brancos e ligeiros franzidos nos ombros.

3 Modelo em tecido quadriculado (branco e preto), com viéses e cinto em vermelho. Pregas, em quilha, na frente da saia.

4 Lindo vestidinho em "repê" marinho, com corpete aplicado sobre colete plissado de piquê branco.

5 Modelo em tecido marrom, usado sobre blusa de seda; cinto longo, de couro, verde garrafa.



# 1ª Oferta Excepcional

das **casas olga** este ano:

Meias

pelos preços de 1946  
e durabilidade até 1956

PARA SEU USO  
PARA PRESENTEAR  
PARA GUARDAR!

Para o verão deste ano as  
CASAS OLGA lançam a sua 1.ª  
OFERTA EXCEPCIONAL, oferecendo  
meias pelos preços de 1946, com a vantagem  
de poderem ser guardadas durante muitos  
anos, sem prejuízo de resistência e beleza!

OLGA SUPER LUXO ..... de Cr\$ 68,50  
1 par Cr\$ 59,50 — 3 pares por ..... Cr\$ 170,00  
CASINO ..... de Cr\$ 37,00  
1 par Cr\$ 34,00 — 3 pares por ..... Cr\$ 100,00  
INDESLÁVEIS U. S. A. .... de Cr\$ 130,00  
1 par Cr\$ 95,00 — 3 pares por ..... Cr\$ 270,00  
MALHA 65-15 deniers ..... de Cr\$ 58,50  
1 par Cr\$ 43,50 — 3 pares por ..... Cr\$ 120,00

Novamente à venda as meias "OLGA DUPLA"

Em cada 9  
pares, mais 1  
grátis.

**casas olga**  
a tradição do comércio de meias

RUA DO OUVIDOR, 122 — RUA 7 DE SETEMBRO, 133 — AV. RIO BRANCO, 119 — RUA URUGUAIANA, 20 E 22  
Vago Publicidade





1 Modelo juvenil, em tole de tom escuro, com a gola os punhos e cinto em pique branco, destacáveis.

2 Em crêpe ou tafetá estampado; corpo cruzado e abotoado, terço na mão em écharpe. Um bolso na saia, que é bem estreita.

3 Um detalhe em shantung ou tole com "pois" alegre este vestido não, muito original, com três pregas fundas na saia.

4 Vestido de corte muito gracioso, em crêpe estampado, com enfeites de "misses soled". Botões nas costas.



Suave  
Prelúdio  
da Elegância Feminina

Valisère  
LINGERIE

CONTATO QUE É UMA CARAC...  
Corte individual...

CONTACTO OUTR E UMA CALIFICACIA 6

Conte individual rigoroso ☐ i

...e a toilette esteri completa com Meias Nylon Rhod

PARAN - Casa de Aduana



Graciosa sugestão para a praia ou os esportes náuticos. O pequeno avental é muito original e gracioso.

Modelo para a praia, em tecido de algodão unicolorido e listrado; a saia, franzida, tem uma pala abotoada. Pequeno casaco completando o "ensemble".



Duas-piças em tecido verde e vermelho: um vizez largo e pestiñas bordadas enfeitam a gola e os recortes.





PASSAM AS GERAÇÕES MAS D·M·C FICA

Todas linhas  
para trabalhos de Senhoras

**D·M·C**

Qualidade superior - Cores inalteráveis

Representantes no Brasil:

**VIOLLAND & CIA. LTDA.**

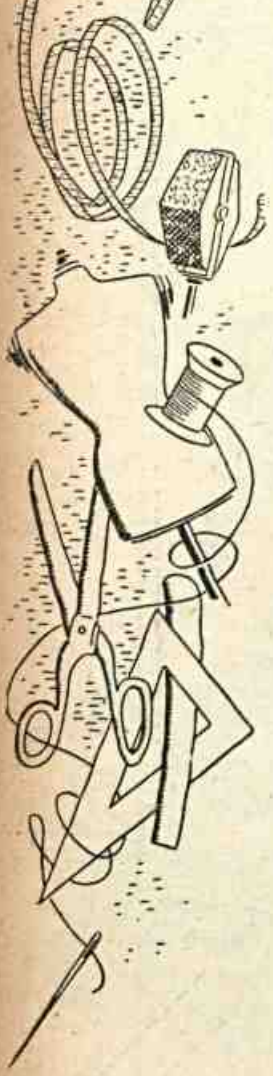
Av. Presidente Antônio Carlos, 213-A

**RIO DE JANEIRO**

Indicar-lhes-ão uma casa onde V. S. poderá  
encontrar os Artigos D. M. C., caso V. S.  
não os encontre no vosso fornecedor habitual.



# Departamento de modas



## UM MODELO ESPECIALMENTE DESENHADO PARA VOCÊ!

Sob a orientação do "Departamento de Modas de FON-FON", Gil Brandão desenhará, exclusivamente para o seu tipo, um lindo modelo, que será publicado nas páginas de FON-FON. Para candidatar-se a essa verdadeiramente sensacional oferta de FON-FON basta enviar-nos uma carta "descrevendo o seu tipo — altura, peso, cor dos cabelos e da pele — informando-nos sobre a idade, as medidas exatas (coupon na página ao lado) e a finalidade do vestido: noiva, esporte, baile, etc..".

## ATENÇÃO:

O Departamento de Modas de FON-FON está aparelhado para, doravante, aceitar encomendas de moldes de quaisquer modelos publicados em revistas ou figurinos nacionais ou estrangeiros, ao preço de Cr\$ 15,00.

FON-FON procura, deste modo, atender, ainda mais amplamente, suas leitoras, bastando, pois, enviar o modelo escolhido, com o número de seu manequim e quaisquer outros detalhes que julgar necessários, juntamente com a importância de quinze cruzeiros (que pode ser em selos de Cr\$ 0,40) anexa, para um dos seguintes endereços: — Rua Pedro Alves, 60, ou Rua da Assembleia, 79 - loja - "A Tulipa".

— :: —

OS MOLDES DOS FIGURINOS PUBLICADOS POR "FON-FON" CONTINUAM A SER OFERECIDOS GRATUITAMENTE, BASTANDO, PARA ISSO, ENVIAR O COUPON PUBLICADO NA PÁGINA AO LADO.

## NOVO MÉTODO DE COSTURA "FON-FON"

Chamamos a atenção de nossas leitoras para o Novo Método de Costura que está sendo lançado por FON-FON, método esse de autoria de D. Eloina A. de Araújo, e revisão artística de Gil Brandão. A finalidade do Departamento de Modas de FON-FON, ao lançar este novo e prático Método de Costura, é habilitar todas as suas gentis leitoras a fim-de que possam confeccionar seus próprios vestidos, ou quaisquer outras costuras que desejarem.

## CORRESPONDÊNCIA

MAGDALENA BANDEIRA — (DF) — Agradeço a praxeia com que foi atendida e nos pergunta se recebemos o pedido de d. Pauline.

R.: — Não, não recebemos o pedido da d. Pauline, caso contrário tê-lo-íamos atendido com a mesma boa vontade com que atendemos o seu.

NEUSA DE MIRANDA REIS — (DF) — Envia-nos um coupon de molde grátis, para um vestido de baile.

R.: — Mais uma vez, tornamos bem claro que o coupon só dá direito a modelos publicados no FON-FON, a fim de facilitar o nosso serviço. Como a senhonita não especificou o modelo do vestido de baile, lamentamos não poder atendê-la.

IONE FAIXÃO — (DF) — Escreve-nos dizendo que o FON-FON é a melhor revista, mas que a seção de bordados às vezes é fraca. E acrescenta algumas sugestões interessantes.

R.: — Procuraremos fazer o possível para melhorar o padrão do nosso suplemento de bordados. Em relação aos moldes, falaremos com o nosso departamento responsável, a fim de que nas peças, seja colocado o maior número possível de detalhes, inclusive o fio da fazenda, que é realmente indispensável. Se deseja confeccionar as peças domésticas do seu marido, basta seguir o nosso método de corte e costura, no qual, também ensinaremos a cortar camisas de homem, pijamas, cuecas, etc.

NEOMIA DE ALMEIDA — (Fozos de Caldas — M. Gerais) — Elogia os desenhos de Gil Brandão e pede-nos para trocar a data do coupon.

R.: — Gil Brandão agradece profundamente e sentimos muito não poder trocar o seu coupon, porque isso provocaria uma alteração nos nossos hábitos de trabalho.

AIDA SERRETT — (J. Brandão — M. Gerais) — Pergunta-nos se o modelo que escolheu pode ser executado em organdi permanente estampado.

R.: — Pode, sim. Aguarde o molde pelo correio.

IVONE DE ARAÚJO — (Governador Valadares — Minas) — Por um lamentável atraso, somente agora é que sua carta nos chegou às mãos, quando o seu pedido já perdeu a oportunidade. Esperamos que volte novamente, pois aqui estamos ao seu inteiro dispor.

SYLVIA SOARES — (DF) — Escreve-nos uma simpática e interessante carta, louvando a apresentação do FON-FON, com as seguintes palavras: — "Como tantas outras pessoas, também sou admiradora dessa revista que, sem dúvida alguma, é a melhor no gênero. Todos os modelos publicados pelo FON-FON, sem exceção sequer de um, são admiráveis, interessantes e sempre novos, cheios de peculiaridades. Não era necessário dizer tal coisa, pois todas as leitoras dessa revista têm dela opiniões as mais favoráveis possíveis, porém eu quis aproveitar a oportunidade que se me apresenta para dizer-lhes o que muitas vezes senti vontade de fazer: escrever exclusivamente a fim de comunicar o meu entusiasmo em face da tão boa apresentação".

R.: — Apesar de não podermos satisfazer o seu pedido, que nos che-



# le FON-FON

## Um Molde Gratia Para Você!

FON-FON se propõe a enviar-lhe gratuitamente, o seu molde individual.

\*\*\*

A pessoa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acordo com as explicações ao lado.

\*\*\*

O coupon publicado nesta página vale por um molde de qualquer dos figurinos estampados neste número de FON-FON.

\*\*\*

Poderá o coupon ser entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, para os seguintes endereços: — MOLDES FON-FON, rua Pedro Alves, 60, ou a Rua Assembléia, 79, loja, A TULIPA — Rio de Janeiro.

Atendemos pedidos de qualquer Estado do Brasil.

Sou tarde demais, não nos foi possível deixar de responder uma carta tão agradável como a sua. Fazemos a questão que volte a escrever-nos, dando sugestões ou fazendo solicitações.

ANA MARIA GOULART — (?) — Não podemos atender o seu pedido de molde porque a senhora preencheu dados do coupon de uma maneira um tanto estranha: Cidade — Ipiranga; Estado — Capital. Sentimos muito, mas não conhecemos nenhum estado do Brasil que se chame de Capital. Volte outra vez.

ANGELINA MARIA GOULART — (?) — Leia a resposta anterior.

MARIA MARTHA — (?) — Como poderemos enviar-lhe o molde se não sabemos o seu endereço?

NADYR CRUZ, — (DF) e IGNEZ GONCALVES DE SOUZA — (DF) — Sentimos não poder atender-lhes os pedidos de moldes gratis, porque vieram com as datas alteradas. Frequentemente repetimos aqui, nesta coluna, que o coupon só dá direito aos moldes publicados no número, cuja data vem impressa no coupon.

JULIA CAVALHEIRO — (São Paulo) — Envia-nos uma carta gentil, elogiando a seção de modas e moldes e nos pede um modelo para "fante" verde.

R.: — Nossos sinceros agradecimentos. Aguarde a publicação do modelo.

RUTH MENDES SILVA — (Campinas — São Paulo) — Diz-nos em sua carta: "Desde que VV.SS. levam um mês e meio para atender os pedidos de moldes, por que não antecedem os modelos de fantasias carnavalescas?"

R.: — A demora em atender os pedidos está em função do número de coupons que recebemos. Nem sempre o atraso é tão grande como a senhora diz, uma vez que recebemos com muita frequência, cartas de leitoras que agradecem a presteza com que foram atendidas. Quanto à antecedência de publicação das fantasias para "carnaval", não é de interesse, porque, por motivos óbvios, não vamos fornecer os seus moldes.

ADMIRADORA DE "FON-FON" — (?) — Pede-nos o desenho de um modelo, para o que, anexa uma amostra da fazenda.

R.: — Creio que não poderemos satisfazê-la porque não nos enviou o coupon com as suas medidas, nem especificou o tipo de vestido e nem quantos metros de fazenda comprou. Sem estes elementos, não dispomos de base para desenhar o modelo.

MADAME V. MELLO — (Serrinha — Bahia) — Elogia os figurinos que publicamos e pergunta se não é possível colar nas páginas de FON-FON amostras de fazendas, à semelhança do que se faz em certas revistas europeias. E sugere ainda que publiquemos o molde de um costume clássico, manequim 44 e a descrição completa de algum belo vestido apresentado por uma dama da sociedade carioca.

R.: — A idéia é viável, sim, mas está na dependência do anunciante, pois uma propaganda desse tipo é muito cara. Estamos estudando uma variante, isto é, em vez da amostra, estaremos a fotografia do tecido, como é mais comum na Europa. Suas demais sugestões serão submetidas à apreciação e talvez possamos satisfazê-la muito breve.

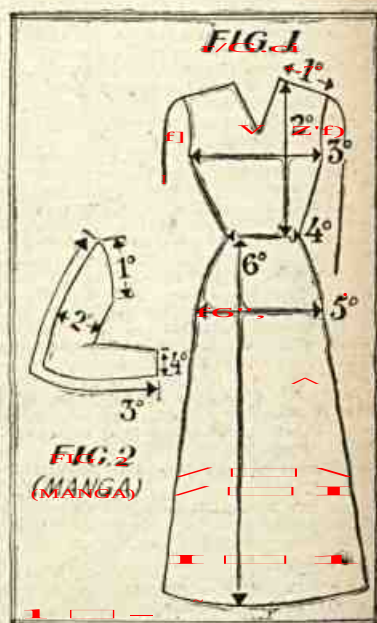
### COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDIDAS :

FIG. 1

- 1.º — ombro
- 2.º — comprimento da blusa
- 3.º — largura do busto (circunferência)
- 4.º — largura da cintura (circunferência)
- 5.º — largura do quadril (circunferência)
- 6.º — comprimento da saia

FIG. 2

- 1.º — circunferência da cava
- 2.º — largura da manga
- 3.º — comprimento da manga (braço dobrado)
- 4.º — largura do punho.



### UM MOLDE GRATIS PARA VOGÊ — (16-2-1952)

QUEIRA REMETER-ME, COM BREVIDADE, O MOLDE DO MODELO Nº. DA PAGINA N.º DE ACORDO COM AS SEGUINTE MEDIDAS:

|              |        |
|--------------|--------|
| FIG. 1       | FIG. 2 |
| 1.º          | 1.º    |
| 2.º          | 2.º    |
| 3.º          | 3.º    |
| 4.º          | 4.º    |
| 5.º          | 5.º    |
| 6.º          | 6.º    |
| NOME: _____  |        |
| RUA: _____   |        |
| N.º _____    |        |
| CIDADE _____ |        |
| ESTADO _____ |        |



## CONVERSA COM "ALMIRANTE"

O diretor de "broadcasting" da Tupi Canica é, sem favor, uma das figuras máximas do rádio brasileiro. Poucos homens, como Henrique Fereis, têm continuado tanto para fazer do nosso rádio uma força digna de respeito. Em mais de vinte anos de apaixonada atividade... em diversas emissoras, "Almirante" desfraldou sua bandeira de radialista com um lema que diz tudo: "Rádio só é diversão para quem o ouve; para quem o faz, é um trabalho como outro qualquer". E quem pode dizer que trabalha mais do que ele, dentro do rádio? Mário Faccini, querendo mostrar quanto o rádio absorve todo o tempo da "mais alta patente", disse que ele ainda não teve tempo de conhecer o Estádio Municipal... É verdade. Raros homens demonstram tanto amor ao rádio quanto o criador das "Curiosidades Musicais" e tantos outros programas de sucesso. Há dias, numa conversa rápida, "Almirante" apontou os três grandes inimigos do rádio: o garoto, o faltoso e o imoral. O garoto é toda essa turma de meninos trêfegos que os diretores soltam nos estúdios, e que dizem as mais rotundas infantilidades, que tanto rebaixam a nossa radiodifusão. O faltoso engloba todos os elementos que não respeitam a hora dos ensaios e das irradiações, estribados numa auto-suficiência suicida. E o imoral é todo esse "team" de irresponsáveis que usam o microfone para extravasar os seus recalques e complexos sexuais. A propósito, ocorreu um fato que liquidou o assunto. Uma dupla irraditou algo profundamente chocante, pela imoralidade. "Almirante" chamou os dois culpados, e lhes perguntou:

— Vocês teriam coragem de contar essa pornografia a uma senhora que lhes fosse apresentada agora?

— Não.

— E como têm coragem para contar essa imoralidade a milhares de pessoas que vocês não conhecem?

É definitivo. Isso prova que "Almirante" é, de fato, um grande amigo do rádio. Porque os verdadeiros amigos do rádio são os que o defendem da sanha sádica de tantos irresponsáveis que infestam o ambiente radiofônico do Brasil.

STELIO RODOLFO

Sérgio Antunes é locutor e rádio-ator da Mayrink Veiga.



# RAINHA DO RÁDIO

UM CERTAME QUE SE TORNOU TRADIÇÃO — MANOEL BARCELLOS E O PROGRESSO DA CASA DO RADIALISTA — AS CANDIDATAS E SEUS FANS

(Reportagem de STELIO RODOLFO)

Já é uma tradição dos radialistas a eleição da Rainha do Rádio — certa-me que é atualmente organizado pela Associação Brasileira de Rádio, com a nobre finalidade de angariar fundos para a construção do Hospital do Radialista e outras obras de caráter social.

Como nos anos anteriores, o concurso foi planejado com alto senso de ordem e segurança. A comissão eleita pela assembleia de radialistas e jornalistas, para dirigir o certame, é composta dos seguintes nomes: — Hugo Mosca, presidente; Edmo do Vale, secretário; Anselmo Domingos, tesoureiro. Esta comissão ficou encarregada, pela mesma assembleia, da elaboração de um regulamento para o concurso. Organizou e orientou o plebiscito radiofônico de modo a merecer aplausos.

A ABR fez imprimir e colocou à venda um total de 2.032.000 votos, divididos em série, para efeito de prêmio. As séries são seis, assim discriminadas: — Série "A", concorrendo ao sortido de um automóvel "Jaguar"; Série "B", com direito ao sortido de uma Geladeira GE; Série "C", concorrendo a um aparelho de Televisão; Série "D", disputando uma Eletrola GE "Long Play"; Série "E", dando direito ao sortido de uma máquina de costura Imperial; Série "F", concorrendo ao sortido de um Faguiro Marx, com 101 peças. A atração dos prêmios sempre movimentou os fans das candidatas ao trono de Rainha do Rádio.

## AS CANDIDATAS INSCRITAS

As candidatas que se inscreveram, este ano, no famoso certame da Associação Brasileira de Rádio são as seguintes: — Araci Costa — Rádio Tupi; Carmelia Alves — Rádio Nacional; Doris Monteiro — Rádio Tupi; Zila Fonseca — Rádio Mayrink Veiga; Mary Gonçalves — Rádio Clube do Brasil; Olivinha Carvalho — Rádio Nacional; Adelaide Chiozzo — Rádio Nacional; Ina Coelho — Rádio Industrial, de Juiz de Fora; Marilena Alves — Rádio Clube do Brasil; Cacilda Lanuza — Rádio Jornal do Comércio; Ilza Silveira — Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. No momento em que era feita esta reportagem, a candidata Olivinha Carvalho estava na vanguarda do concurso, um pouco distanciada de Carmelia Alves. Naturalmente, dada a antecedência com que são impressas as páginas de FON-FON, não podemos prever qual será a candidata vencedora. Mas voltaremos às novidades do concurso da Rainha do Rádio.

Manoel Barcellos, entre as candidatas, agradece ao Dr. Luis Felipe Vieira, gerente da loja Goodwin Coccozza, a oferta do carro Jaguar Mark VII — um presente régio...







As candidatas procuram familiarizar-se com o automóvel, antes que vá para uma delas... Quem será a Rainha? É o que saberemos, esta semana... O leitor fará, sem querer, a sua torcidasinha. Qual delas merece o imponente Jaguar?

#### PRÊMIOS PARA AS CANDIDATAS

No sentido de animar, muito mais ainda, o popular certame da ABR, são ofertados às candidatas os seguintes prêmios: — para a Rainha do Rádio de 1952 — um automóvel Jaguar Mark VIII, oferta da firma Goodwin Coccoz-za S. A.; para as princesas — um terreno, no valor de 30 mil cruzeiros, situado no Jardim Maravilha, oferta da Organização Brasileira de Vendas Imobiliárias Masa Ltda.; e uma eletrola oferecida pela Casa Neno.

Como se vê, além de contestar os fans, a comissão diretora do certame contenta regamente as candidatas inscritas. E, com essas iniciativas oportunas, vai Manoel Barcellos fazendo crescer o prestígio e a força financeira da Casa do Radialista. Alias, em rápida palestra com o repórter, disse o presidente da ABR:

— Temos sido felizes, graças a Deus! Em 1951, a Casa do Radialista realizou alguma coisa em benefício dos seus associados. E, neste ano promissor de 1952, tanto faremos no sentido de tornar realidade o Hospital e tantas outras coisas de que os radialistas precisam!

A modestia de Barcellos não lhe fica mal. Mas a verdade é que essa "alguma coisa" representa muito, muitíssimo, para todos os radialistas do Brasil!



Barcellos acompanha, atestadamente, todas as fases do grande certame da Casa do Radialista. Ai o vemos em cordial Palestra com Araci Costa, da Rádio Tupi.



# Corpo esbelto e faceiro!...

## VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias.  
PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA

MULTIFARMA:

### LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó-de-atez não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, poros e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

### EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos.  
Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado portanto, a sua cor natural.



MULTIFARMA — RUA DIREITA, 191 — 6.º and. — S. PAULO — Remessa pelo Reembolso Postal

co de café com leite, sob os olhos malévulos da criada?... Quando conseguia, então, ter um livro entre as mãos e ler alguma história que falasse de amor — a princesa prisioneira salva por um pequeno herói protegido pelas fadas — sonhava como todas as meninas sensíveis, um mundo maravilhoso onde as criaturas se querem bem, os próprios companheiros de folguedades se tornam esposos e vivem felizes em lugares iluminados, bem diferentes daquele apartamentozinho escuro... Sozinha como era então, podia refugiar-se no mundo da fantasia, sonhar e esperar, mas depois, na sua família, a realidade ocupava-a sem campo para a evasão. Não aguardava mais o amor. Servia de mãezinha às irmãs, sempre cerrada naquele mundo de amas, de governantes, de balbucios infantis, de cantigas pueris, na alegria dos primeiros passos, entre os brinquedos e os exercícios escolares. Acompanhar as meninas à praia, ao tênis, à patinação, aos bailes infantis, assistir às lições que os professores iam dar em casa...

Em todas essas ocupações, tornara-se ajudante e ativa como uma mãezinha, até que, com o passar dos anos, as irmãs dispensaram-na desses cuidados. Que lhe restava fazer agora? Assistir aos seus namoros um pouco menos inocentes que os da sua imaginação, e esperar que se casassem, que tivessem filhos, para esconder-se novamente atrás das amas, das madeiras, cueiros, cantigas...

Sempre assim? Sempre assim. Para ela era tarde, não tinha mais nada a fazer. Tarde... tarde... A palavra martelava-lhe o cérebro, insistente e lugubre como uma badalada fúnebre, e

## O SEGUNDO AMOR

(Continuação)

não a deixava dormir. No dia seguinte, que era domingo, resolvida a ir à missa sozinha rezou distraidamente, como nunca o fazia, agitada por um pressentimento que não podia falhar; de fato Santinelli estava atrás dela, no meio da multidão; encontros que no princípio de uma aventura amorosa o destino combina, com uma sagacidade cúmplice e uma tocha complacência.

— O senhor aqui? — Fingiu grande espanto.

— Eu, sim. Por que admirar-se tanto? Não me é permitido vir à missa nesta igreja? E um pouco distante da minha casa, mas eu sabia que a senhora vinha... Como pode sabê-lo? Sabia-o, sei tudo o que lhe diz res-

peito. Enquanto que a senhora não sabe nada de mim. Cai sempre das nuvens, quer me encontre nas varandas da sua casa quer me veja na igreja.

Tomou-se de um riso louco, convulso, que foi praia sufocar num lencinho, e que fazia com que se vissem para ela.

— Silêncio, excomungada! — sussurrava-lhe ele ao ouvido e para deixar de rir ela mordeu o lábio até vir-lhe o sangue, sentindo a ardente vergonha de tanta alegria irracional. Estava maluca?

E não viu mais quando, acompanhando-a durante um bom trecho na rua, ele lhe pediu:

— Vá dançar hoje?

— Dançar?!

Nunca tinha ido dançar sozinha. Recusava-lhe que o mundo, por tal audácia, viria abaixo:  $\times \circ \circ \square$ .

— Não? E por que?... Não é senhora de si mesma? Não é dona da sua vida? Que vai fazer dela, se fica sempre a sacrificar-se pelos outros? Cada um deve viver por si...  $\square \circ \square$ .

Talvez o grande erro tivesse começado naquele namoro. Ela tinha ido de tarde, com o coração batendo tremendamente, o rosto afundado na gola alta de peles do seu casaco, como para escondê-lo. Tomara dois bondes, olhando em volta com ar suspeito como para despistar os traços deixados. Depois, naquela praça distante, hesitou muito antes de resolver-se a entrar; o olhar da senhora da caixa, enquanto ela estendia o bilhete de ingresso, intimidara-a ainda mais que tudo. Piero já estava lá dentro, esperando-a, sentado a uma

## Dr. José Murta

CLÍNICA MÉDICA

CONSULTÓRIO:

Rua do Ouvidor, 183 - 5.º andar

Salas 562 e 503 — Tel. 23-3525

3as. 5as. e sáb. das 14 às 18 horas

RESIDÊNCIA:

Rua Mário Pederneras, 11-Apt. 201

Tel. 26-6146

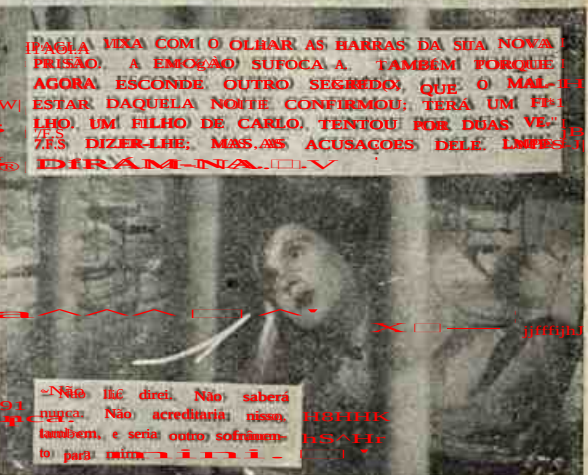
BOTAFOGO

(Continua na página 52)

FON-FON — 16-2 1952



## CONTINUAÇÃO DO XIII CAPÍTULO



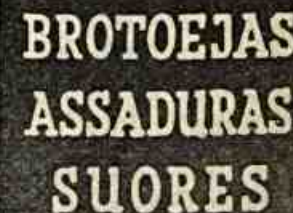
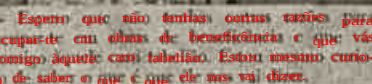
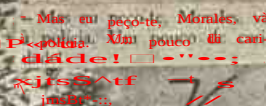
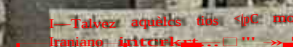
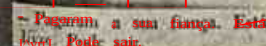
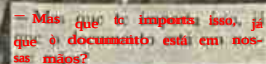
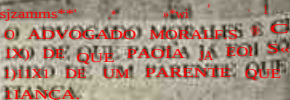
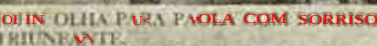
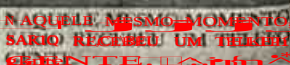
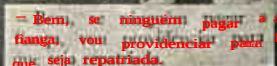
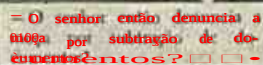


(Continuação)

— Deseja tomar um chá?... Sim, para esquentar-se, hoje está tão frio! Garçon, dois chás!

Que fazin ela de sua vida?... pensava, sentindo o corpo quente e vibrante pelas emoções daquele dia. Recordava certas palavras suavíssimas e doces como carícias, com as quais ele lhe roçava os cabelos, e o apertou de suas mãos, e aquela sua boca fresca — tão jovem! — boca um pouco irônica, um pouco cruel, mas ardente.

Telephone 47-3759





O poeta sentou-se no banco ao lado dele e conversaram. Muitas vezes o poeta estivera em contato com os homens mais sábios e espirituosos, porém nunca com um homem como Ernesto, cujas idéias e sentimentos brotavam com tão natural liberdade e que tornava tão simples as grandes verdades, só com o encucalá-las. Conforme se dissera, os anjos deviam tê-lo ajudado nos seus trabalhos no campo, deviam ter-se com ele sentado junto ao fogo, e, sendo amigo dos anjos, deles recebera aquela sublimação de idéias, e aquele poder de traduzi-las em palavras aparentemente triviais. Assim pensou o poeta. E Ernesto, por seu lado, sentia-se comovido com as imagens vivas que o poeta deixava escapar do pensamento, e que povoavam o espaço em volta da choupana com formas de beleza, tanto alegres como melancólicas. As simpatias desses dois homens instruíam-nos de um sentido mais profundo, que nenhum deles poderia ter alcançado sozinho. Seus espíritos uniam-se num só ímpeto, tecendo deliciosa música, cuja autoria nenhum deles poderia reclamar para si só. Conduziam-se, um ao outro, a uma esfera mais alta do pensamento, tão remota e ao mesmo tempo tão ofuscante, em que nunca antes haviam penetrado, e tão bela que ambos desejavam nela permanecer para sempre.

E enquanto Ernesto ouvia o poeta, imaginava que o Grande Rosto de Pedra se debruçava para ouvi-lo, também.

— Quem és tu, meu hóspede tão estranhamente preñado? perguntou.

O poeta colocou o dedo sobre o livro que Ernesto estivera lendo.

— Tu lêste estes poemas. Conheces-me, então, pois eu os escrevi.

Ernesto examinou os traços do poeta com mais atenção que antes; depois virou-se para o Grande Rosto de Pedra; voltou de novo os olhos, com certa hesitação, para o hóspede. Deixou cair o rosto, abanou a cabeça e suspirou.

— Por que motivo estás triste? indagou o poeta.

— Porque através de toda a vida esperarei pelo cumprimento de uma profecia; e quando li estes poemas, tive esperança de que ela se realizasse em ti.

— Esperaste encontrar em mim a semelhança do Grande Rosto de Pedra, disse o poeta com um leve sorriso. E estás desapontado, como outrora com o sr. Guardamóeda, o velho Sangue-e-Fervão, e o Língua de Ouro. Sim, Ernesto, é a minha condenação. Deves acrescentar meu nome aos desses três ilustres homens, e reconhecer outro fracasso de tuas esperanças. Pois, digo-te isto envergonhado e triste, não sou digno de simbolizar aquela benigna e majestosa imagem.

— E por que? perguntou Ernesto. Apontou para o livro.

— Não são estes acaso pensamentos divinos?

— Eles têm o sopro da divindade, replicou o poeta. Poderás nelles ouvir o distante eco de uma canção celestial. Mas a minha vida, querido Ernesto, não está de acordo com o meu pensamento. Tive grandes sonhos, mas não passaram de sonhos, porque vivi — por minha livre escolha — entre pobres e vis realidades. Por vezes, mesmo — devo ousar confessá-lo? — faltou-me a fé na grandeza, na beleza, na bondade. Por que, então, puro pesquisador do bom e do verdadeiro como és, poderias desejar encontrar em mim a imagem do que é divino?

O poeta falava tristemente e tinha os olhos obscurecidos pelas lágrimas. Assim estavam também os de Ernesto.

A hora do crepúsculo, como de hábito, Ernesto tinha que discursar numa assembleia de vizinhos, ao ar livre. Ele e o poeta, de braço dado, conversando enquanto caminhavam, dirigiram-se ao local da reunião. Era um recanto pequenino por entre as colinas, com um grande precipício atrás, cuja boca ficava escondida por agradável folhagem de muitas plantas trepadeiras, formando uma tapeçaria para a rocha nua, pendurando os seus festões em todos os ângulos abruptos. Numa pequena elevação acima do solo, numa rica moldura de vegetação, aparecia um nicho, onde cabia um ente humano, com bastante liberdade de gestos. Ernesto subiu a este púlpito natural, e lançou um olhar de cordialidade sobre o auditório. Estavam alguns de pé, outros sentados, ou reclinados na relva, como bem aprazia a cada um, e o sol que sumia no horizonte lançava-lhes raios oblíquos. Em outra direção, via-se o Grande Rosto de Pedra.

Ernesto começou a falar, dando ao povo o que lhe andava no coração e no espírito. Suas palavras eram poderosas, porque estavam de acordo com o seu pensamento; e seus pensamentos possuíam poder de realidade e profundidade, porque se harmonizavam com a vida que ele sempre levava. Havia pérolas, puras e ricas, dissolvidas nessa preciosa torrente. Com os olhos cheios de lágrimas, o poeta olhava com respeito para aquele venerável ancião, e dizia para si mesmo que nunca houvera nenhuma fisio-

(Conclui na página 58)

# Campanha da Boa Vontade

(Por ZILAH BASTOS SEABRA)

## HUMBERTO DE CAMPOS E A CARIDADE

O santioso autor das "Memórias", numa carta famosa, deixou esta página impressionante: "Você conhece, sem dúvida, aquele apólogo em que o Diabo compra a alma de um boêmio, cuja carteira enche diariamente de cédulas, para que ele as gaste, até a última. No dia em que ficar uma cédula sem ser consumida, estará concluída a transação, e a alma será entregue ao comprador. O boêmio gasta, cada dia, centenas de contos com o luxo, com o amor, com o jogo, com as várias formas de dissipação. Até que, uma noite, resolve capitular: não tem mais em que empregar o dinheiro do Diabo. E vai entregar-lhe a alma.

— Aqui me tens! Não encontrei mais em que despendar dinheiro na terra!

O Diabo sorri, toma-lhe a alma e, depois de tomá-la, diz:

— Há, não entanto, no mundo, alguma coisa em que um homem pode consumir, diariamente, e até o fim dos séculos, todo o dinheiro que tenha nas mãos...

E olhando o homem nos olhos:

— Nunca ouviste falar na Caridade?

\*\*\*

## UMA CIÊNCIA IGNORADA

Muita gente supõe que a Moral não passa de um conjunto de preceitos mais ou menos antiquados, inventados por pessoas mais ou menos desocupadas. Há, mesmo, os infelizes que se delectam em fazer, precisamente, o que é proibido, sentindo nisso um prazer iconoclasta, que é a característica das almas doentes ou perversas. Com certeza, essa gente nunca estudou, nunca ouviu falar de uma ciência chamada Moral, nas classificações de Spencer e de Comte, e de outros filósofos de renome mundial. Ignora essa turba-multa que a Moral tem leis eternas, como a Física e a Química. Daí o menosprezo em que têm a Moral, a mais importante de todas as ciências. A propósito: como explicar que o curso secundário não inclua, entre suas disciplinas, a cátedra de Moral? A verdade é que todas as outras matérias lhe são inferiores, em todos os sentidos e sob todos os aspectos. O Ministério da Educação bem poderia estudar e resolver o problema.

O Dr. Waldemar Cotta, falando aos Legionários da Boa Vontade, na Associação Brasileira de Imprensa, sobre "Medicina e Espiritualismo".



em benefício do "Brasil fonte e feliz" por que todos lutamos. Água mole em pedra dura...

\*\*\*

## ESPIRITUALISMO E MEDICINA

Numa das reuniões públicas da Legião da Boa Vontade na Associação Brasileira de Imprensa, ocupou a tribuna de honra o dr. Waldemar Pereira Cotta, que falou sobre "Medicina e Espiritualismo". Mostrou o orador que a religião acompanha a marcha da ciência, e que a verdadeira fé encara, face a face, a razão. A Bíblia ensina que só vem a Deus quem for sábio e santo. Não basta, portanto, a santidade: ela se completa com a sabedoria. O essencial é que se combata a ignorância em que se comprazem tantos crentes.

\*\*\*

## RELIGIÕES COMPARADAS

O presidente da LBV anunciou aos Legionários da Boa Vontade que serão iniciados, brevemente, os estudos de Religiões Comparadas. Cada corrente religiosa ou filosófica estará representada nesses debates amistosos, sob de concórdia, essas reuniões de estudos serão verdadeiramente maravilhosas. Jamais, como agora, a Humanidade precisou tanto de Deus!

\*\*\*

## E A CAMPANHA CONTINUA

Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de Boa Vontade! Todos os meses, no primeiro sábado, a Legião da Boa Vontade realiza reuniões públicas no 7.º andar da Associação Brasileira de Imprensa, sempre às 16 horas. No terceiro domingo, também às 16 horas, a Legião da Boa Vontade mobiliza a Caravana da Boa Vontade, em visita de solidariedade às instituições de caridade e de assistência social. Atente ao público em sua sede — Rua Acre, 47, 9.º andar. E mantem na Rádio Mayrink Veiga, aos sábados, das 2 às 2 e meio, sob o patrocínio das Casas Olyn, o programa da Campanha da Boa Vontade. Se você tem boa vontade... ajude a Campanha da Boa Vontade, por um Brasil melhor!

Reunião preparatória dos estudos de Religiões Comparadas da LBV. Da esquerda para a direita: — Maria Isabel — Antônio Assmann — J. Bráulio de Mesquita — Olívio Noves — Alzira Zarur — J. Alves de Oliveira — Juvenal Machado — Pedro Marcos Davil — Victorino Eloy dos Santos — J. A. Chiappetta.



GRIPES  
RESFRIADOS  
NEURALGIAS



DÓRES  
de CABEÇA

# TRANSPIROL

O Transpirol é apresentado em tudos de 20 comprimidos e em cartezinhas de 2 comprimidos.



O segredo

do toucador depende de certos cuidados — cabelos ondulados, sedosos e isentos de caspa — que se obtém usando.

Phenomeno  
PERFUMARIA TARRÉ RIO



# POMADA MINANCORA

NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,  
ECZEMAS,  
INFLAMAÇÕES,  
COCEIRAS,  
FRIEIRAS,  
ESPINHAS, ETC.

## VAI SER MAE?



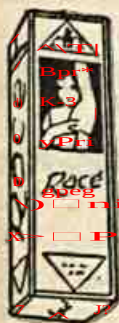
### DELIVRANCIA

É o medicamento das Parturientes. Prepara o organismo para um parto feliz. Evita o Aborto, Vômitos, Enjôos, Cãibras. Seu uso é providencial durante toda a gravidez.

NAS FARM. E DROG. E LABOR. SIMÕES  
RUA DO MARQUÊS, 33 — RIO  
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSAL

## ELIXIR DAS DAMAS

Prolonga a vida da mulher.  
Um côlico às refeições REGULARIZA E EVITA  
OS SOFRIMENTOS PERIÓDICOS.



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes.

Para eliminar os pelos superfluos não use lâminas ou navalhas, use

RACE, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó, perfumado. Elimina com incrível rapidez os pelos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.



## O GRANDE ROSTO DE PEDRA

(Conclusão)

nomia tão digna de um profeta e de sábio como aquela, suave, doce e pensativa, glorificada pelos cabelos brancos. A certa distância, mas podendo ser visto distintamente, elevado na luz dourada do sol poente, aparecia o Grande Rosto de Pedra, envolto em esbranquiçadas neblinas, semelhando os cabelos brancos de Ernesto. Seu olhar de grandiosa benevolência parecia abençoar o mundo.

Nesse momento, de acordo com um pensamento que ele desejava expressar, a face de Ernesto assumiu uma grandiosidade de expressão, tão imbuída de benevolência, que o poeta, num impulso irresistível, estendeu os braços para cima e gritou:

— Olhem! olhem! Ernesto é que é a reprodução do Grande Rosto de Pedra!

Então todo mundo olhou e viu que o que o observador poeta dissera era a verdade. A profecia estava cumprida. Mas Ernesto, tendo terminado o que tinha a dizer, tomou do braço do poeta, e foi andando devagarzinho para casa, mantendo a esperança de que algum homem mais sábio e melhor do que ele mesmo um dia aparecesse, trazendo em seus traços a semelhança com o Grande Rosto de Pedra.

## O SEGUNDO AMOR

(Continuação)

te, tão junto da sua naqueles momentos que lhe parecia já sentir-lhe a pressão nos lábios. Só de pensar, uma força de atração irresistível parecia fazê-la dobrar-se como um junco que o vento domina e vence, para aquela boca, para aquele abraço, para aquela alegria, para aquela perduração.

Em um rapiz... Um rapiz inconsciente... Como podia perder-se com ele?... Com essas palavras ditas a si mesma, tentava um última defesa, uma suprema resistência. Todo o seu passado, a sua retidão instintiva, aquele respeito pela virtude pela qual todos os seus atos se tinham pautado, ao temor da opinião alheia, tudo vacilava sob o ímpeto daquele vago, porém impetuoso.

Tudo o que antes tivera um significado profundo, uma importância capital, aparecia-lhe incerto, fraco, instável, como restos e despojos. Sua mãe fizera o mesmo: virtuosa até quase o fim da sua juventude, fora transpassada pelo desejo de viver, de amar, de ser amada. E como pagara o seu erro! Mas nem mesmo a evocação do trágico rosto de sua mãe bastava agora para acalmar a sua perturbação. Como a de um demônio tentador, ressoava-lhe ao ouvido a voz quente e sensual de Piero. Ele tinha razão: aquele seu fim de juventude parecia-lhe: não se arrependeria um dia, na gelada velhice, de não o haver oferecido a alguém?

(Continua no próximo número.)

**DEFUMADOR INDIANO**

O MELHOR DEFUMADOR EM TABULETAS, USADO PRINCIPALMENTE NAS SUAS PAREDES DE PAZ E FELICIDADES E EM NOSSAS CASAS COMERCIAIS.

FABR. J. STEINMANN - RUA ESTÁDIO DE S. J. 71 - RIO DE JANEIRO

DEPR. EM S. PAULO - J. B. RIBEIRO, S. A. - ALAMEDA - R. S. L. 109





-Meu segredo é simples...

# Dou pão com Margarina Saude



ao meu  
filho!



Sim! As crianças crescem  
sadias e fortes, deliciando-se  
com Margarina SAUDE!...  
Na mesa ou na cozinha,  
Margarina SAUDE é  
sempre uma delícia  
para o paladar! Mais  
econômica, puríssima e nutritiva,  
Margarina SAUDE é única para fazer  
bolos, panquecas, biscoitos, etc...  
Fabricada com leite pasteurizado e  
 Gorduras vegetais, Margarina SAUDE  
é um produto de qualidade ACCO!



Cada quilo de  
Margarina SAUDE  
contém 20.000  
unidades de  
vitamina "A"

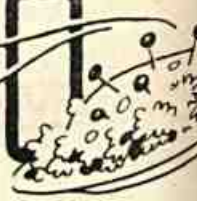


ANDERSON, CLAYTON & CIA.  
LIMITADA



# culinária

## de BOM GOSTO



### O PRATO NACIONAL

#### TACACA

Prato típico da região do Amazonas, o tacacá é um mingau de tapioca temperado com tucupi, camarão, pimenta de cheiro e malagueta.

Faça o mingau desmanchando a tapioca com água e um pouco de sal (ou nenhum sal, porque o tucupi já é bem temperado). Depois de preparado o mingau, ponha-o numa caba e por cima despeje o tucupi.

O tucupi para o tacacá é cozido do seguinte modo: — em panela de barro cozinhe, junto com o tucupi, alguns camarões secos, bacu (peixe de rio) e folhas de jambu (pode ser substituída pela alfavaca), pimenta malagueta, pimenta de cheiro e sal à vontade.

NOTA: — tempere o tucupi com molho de manipueira apimentado (suco de mandioca). A manipueira é realmente o suco leitoso da mandioca ralada, obtido por compressão.

Aqui ficam os nossos agradecimentos a Mme. Portugal por esta receita de tacacá.

### O PRATO ESTRANGEIRO

#### FELIXO A CANADENSE

Cozinhe meio quilo de feijão, escorra-o e junte aos carregos: — uma colher de sopa de melado ou melado, duas colheres de chá de cebola picadinha, um-quarto de colher de chá de sal; meia colher de chá de mostarda já preparada. Arrume tudo dentro de potinhos individuais ou num prato pirex, gratin. Leve ao forno moderado até o feijão estiver cozido. Se quiser, coloque por cima algumas fatias de bacon, de salsicha ou linguiça. Deixe então no forno até que o bacon, a salsicha ou a linguiça tenham cozinhado. A parte, pegue uns pãezinhos redondos e de sal, cubra-os com queijo ralado, Minas ou Parmezão e leve-os ao forno apenas para derreter o queijo.

Como acompanhamento, sirva repolho cru, cortado bem fininho e temperado com salada.

### CONSELHOS DA SEMANA

Para evitar o cheiro forte da couve-flor ao cozinhar, junte um pouco de leite à água, ou então um pedaço de pão.

\* \* \*

Para que a ferrugem não altere o interior do forno, deixe a porta do mesmo aberta por uns 15 minutos depois de terminar de usá-lo.

\* \* \*

Para que os vegetais conservem suas vitaminas prefira cozinhá-los em fogo alto e por tempo reduzido do que em fogo baixo e por muito tempo. Não deixe que cozinhem demais e empregue a menor quantidade de água possível.

\* \* \*

Você sabe aquecer devidamente os vegetais que vêm em latas, como aspargos, petit-pois, etc.? Não? Primeiro escorra todo o líquido dentro de uma panela e leve-a ao fogo, sem tampar e em fogo alto, até que metade do líquido tenha evaporado. Junte então os vegetais, aqueça-os rapidamente, tempere e sirva.

\* \* \*

Para dar bela cor às tortas e aos molhos, empregue o caramelo líquido.

— :: —

### PASTEIZINHOS ESPECIAIS

150 gr de manteiga; 150 gr de ricota; farinha de trigo (mais ou menos uma e meia xicara); sal e queijo Clab.

Amasse bem a manteiga com o garfo e junte a ricota passada pelo espremedor. Vá acrescentando a farinha até obter uma massa. Ligue tudo bem, amasse um pouco e ponha na geladeira até o dia seguinte, para endurecer bem. Estenda a massa então, mas bem fina,

recorte-a em pastéis pequenos, os quais são recheados com pedacinhos de queijo Clab. Forno regular. Também podem ser servidos frios como quentes.

— :: —

### BOTOEZINHOS DE OURO

100 gr de castanhas do Pará, torradas e moídas; 100 gr de queijo; 100 gr de farinha de trigo; manteiga quanto basta.

Passa as castanhas do Pará pela máquina de moer. Junte o queijo ralado e a farinha de trigo e, em seguida, vá acrescentando manteiga até que a massa fique com consistência de enrolar. Faça bolinhas que devem ser arrumadas em tabuleiro untado com manteiga. Pincele-as com gemas desmanchadas num pouco de manteiga derretida. Meia hora antes de servir, leve-as ao forno ligeiramente quente. Apresente-as dentro de forminhas de papel frisado.

— :: —

### CANUDINHOS DE PRESUNTO COM FIOS DE OVOS

250 gr de presunto em fatias finas e 100 gr de fios de ovos.

Faça pequenos enrolados de presunto com recheio de fios-de-ovos — devem ficar como canudinhos — amarre cada um com uma fitinha vermelha, dando um laço.

— :: —

### CROQUETES DE QUEIJO

Cozinhe 250 gr de arroz em caldo de galinha ou de carne. Quando cozido, acrescente 2 ovos e 2 colheres de sopa de farinha de trigo e também todos os temperos que quiser (tomates picadinhos, pimentões, etc.). Corte em quadradinhos 125 gr de queijo prato. Com a massa do arroz faça pequenas croquetes dentro das quais deve ter posto um pedacinho de queijo. Isso feito, passe as croquetes em ovos batidos e depois em farinha de rosca. Frite na manteiga.





## CREME DE MILHO VERDE

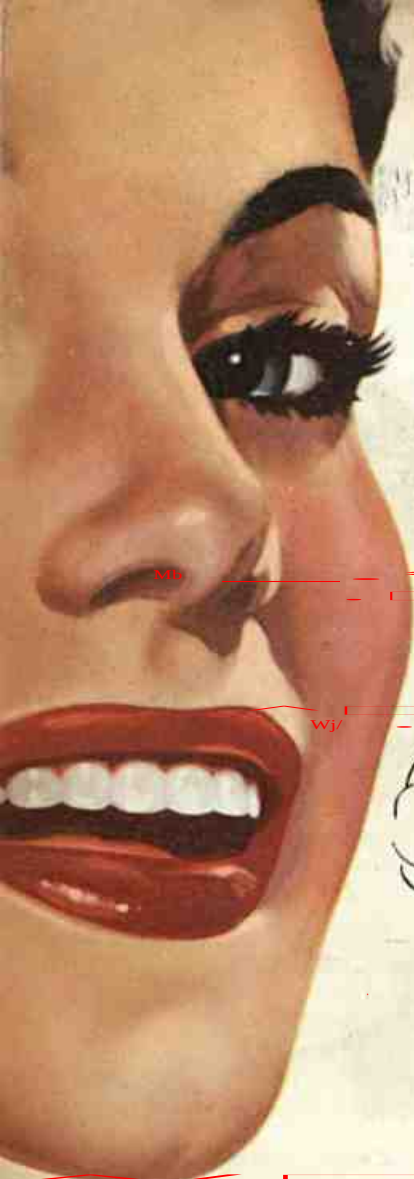
4 colheres de sopa de gordura, ou manteiga  
 1 cebola grande, picada  
 1/2 quilo de milho verde (em grãos ou em conserva)  
 2 xícaras de batatas picadas  
 1 colherinha de noz moscada.

5 xícaras de leite  
 1 xícara de presunto, cozido ou defumado  
 1 colher de chá de sal  
 2 colheres de sopa de salsa picada.

Cozinhe a cebola na gordura, numa panela, até que fique ligeiramente macia mas não tostada. Se usar milho em conserva, escorra-o e ponha o líquido na panela. Em caso contrário, ponha 1/2 xícara d'água. Deixe ferver e junte as batatas; cubra, e cozinhe 10 minutos. Acrescente então o milho verde (já cozido, se não for em conserva) o leite e o presunto. Tempere com sal. Esquente com cuidado. No fim ponha a salsa e a noz moscada.

A receita dá para 4 boas porções. (TRANS WORLD)

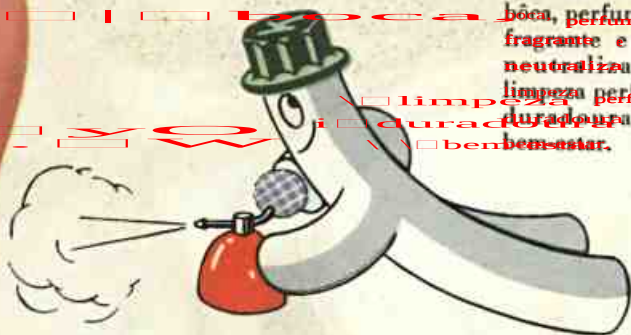




# Refrescante

Kolynos perfuma o hálito

O creme dental Kolynos refresca a boca, perfumando o hálito. A espuma fragrante e abundante de Kolynos neutraliza os ácidos, assegura uma limpeza perfeita e deixa na boca uma duradoura e saudável sensação de bem-estar.



além disso...

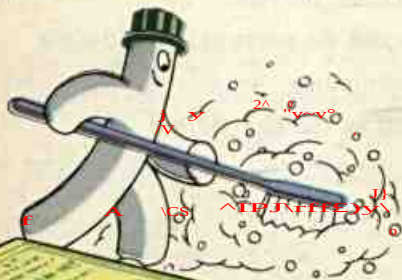
Kolynos combate as cáries



Experiências científicas, realizadas por famosas universidades norte-americanas e europeias, provaram que Kolynos destrói até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das dolorosas cáries.

também...

Kolynos rende muito mais

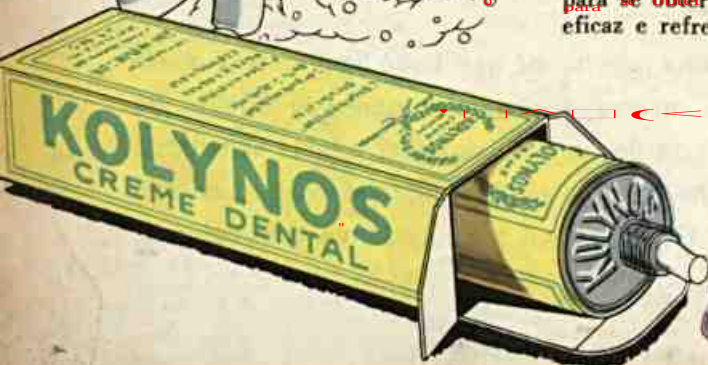


Kolynos é, por excelência, o creme dental da família. Kolynos é altamente concentrado e por isso rende muito mais. Basta apenas um centímetro na escova seca para se obter espuma abundante, eficaz e refrescante.



2 vezes ao ano  
visite o dentista

3 vezes ao dia  
seja Kolynos



Kolynos satisfaz as exigências de todos